

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00

Semestre — Cr.\$ 12,00

Pagamento Adiantado

O GLOBO

Anúncios e Publicações
de acordo com a
TABELA

REDAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 2 de JUNHO de 1946

BRASIL

NÚMERO 423

CAMPANHA EM PROL DA INSTALAÇÃO DA USINA DE AÇUCAR

Uma Comissão seguiu ao Rio de Janeiro, regressando terça feira última, trazendo ótima impressão, quanto à construção da Usina

Conforme fôra noticiado seguiu no dia 23 do mês p.p., quinta feira, com destino ao Rio, a comissão composta do Padre Salustio Rodrigues Machado, Vigário da Paróquia; José Salustiano de Oliveira, Prefeito Municipal; Jacomo Nicola Paccola, Juiz de Paz e Dr. Paulo Zillo, advogado, com o fim de conferenciar com o Dr. Esperidião Lopes Faria Junior, Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool.

A comissão representava a lavoura, o comércio e a indústria de Ubirama.

Chegando ao Instituto foram recebidos fidalga e cavalheirescamente pelo ilustre Presidente do Instituto, que dispensou á caravana ubiramense numa acolhida cativante de gentilezas. Falando em nome dos companheiros o Vigário expoz ao sr. Presidente o motivo que os trazia a sua presença. Ali estavam representando a lavoura canavieira, o comércio e a indústria de Ubirama para cumprimentar sua Excia. e agradecer tudo que o Instituto já havia feito á Ubirama com a instalação da Distilaria de Alcool.

Em seguida falou que queriam ouvir a sua palavra oficial a respeito da Usina de Açúcar.

O Dr. Esperidião, sempre amavel, respondêra, que Ubirama teria a sua Usina de Açúcar.

O Instituto tudo faria para que a Usina fosse construída

no mais breve espaço de tempo e que tudo que dependesse daquela autarquia Ubirama seria satisfeita.

A construção da Usina será posta em concorrência podendo ser concessionário da mesma uma firma, uma sociedade anônima ou uma cooperativa.

Interrogado se na concorrência entraria a Distilaria de Alcool respondeu dizendo que a mesma entraria ou não.

A Distilaria não seria embaraço para a concretização da Usina.

Terminada a audiência com o Presidente a Comissão retirou-se da sede do Instituto tendo agradecido mais uma vez ao Dr. Esperidião a sua atenção e gentileza.

Ao retirar-se, Sua Excia. reafirmou o que tinha dito antes:— «Tudo o que estiver ao meu alcance e que depender do Instituto será feito para atender Ubirama, dando-lhe a Usina».

A Comissão viajou de Ubirama ao Rio de automovel, tendo feito ótima viagem e tendo a mais grata impressão do Instituto e seu digno Presidente. No Rio a Comissão também recebeu provas de amizade do Sr. Eduardo Torres e Walter Rillos que já moraram nesta cidade, aquele como gerente e este como contador da Distilaria de Alcool desta cidade. A Comissão regressou terça feira última.

Jardim da Infância e Escola Doméstica

Reuniu-se a Comissão — Dentro de poucos dias terão início as obras

No dia 29 do mês passado, ás 19 horas, num dos principais salões do hospital N. S. da Piedade, reuniu-se a Comissão afim de discutir questões atinentes a construção do Jardim da Infância e Escola Doméstica.

A reunião estavam presentes: Madre Rosalinda Verga, Provincial; Madre Celina, Secretária; Madre Rosa, Superiora no hospital N. S. da Piedade; sr. Bruno Brega, sr. Jacomo N. Paccola,

sr. Luiz Paccola, sr. João Moura Camargo, sr. José Garrido Gil, sr. Gino Bossi, sr. Olimpio Freire Pires, sr. Eliziario M. da Silva e sr. Alexandre Chitto.

Depois de discutidos certos pormenores, foi estudada a planta pelas Madres da futura construção, sendo observadas as prescrições internas, ficando também deliberado que as obras terão início dentro de poucos dias.

Algumas causas da crise e miséria

ALEXANDRE CHITTO

Quem atualmente estiver ao corrente das estatísticas, compreenderá facilmente que a existência dos artigos de primeira necessidade é diminutissima.

Falta farinha de trigo, açúcar, banha, óleo, xarque e outros produtos indispensaveis a alimentação básica de todas as classes.

Aos de origem estrangeira, atribui-se á sua falta a circunstâncias várias: tratados, política, intercâmbio etc. E aos de fonte nacional, ao transporte deficiente e á absoluta inexistência de meios produtivos para garantir o consumo.

E dessa fôrma, a situação está se agravando á medida que transcorrem os dias, ao envez de se amenizarem os reflexos da guerra, já ha mais de um ano terminada.

E assim, provocam-se greves, disturbios, paralização de trabalhos, empedimento do tráfico e outras atividades indispensaveis ao bom andamento da vida, como o único caminho para se sair do marasmo e triste situação na qual se encontra a humanidade na presente época.

Greves, disturbios, paralização do tráfico e mais atrapalhções infiltradas sorratamente para a provocação de melhores dias, nada adiantam. Não amenizam a crise. Antes a agravam.

Neste momento, economicamente grave, é preciso trabalho eficiente, produção agrícola em alta escala, principalmente alimentar, cooperação mútua no seio dos múltiplos trabalhos que constituem os alicerces da economia coletiva: a grandeza da pátria e, além de tudo, patriotismo são, acima de que os exemplos precisam vir do estrangeiro.

Como á produção agrícola, industrial e comercial, antes de tudo, devemos nos esforçar para também criar os nossos pensamentos idealógicos, políticos e religiosos. Nada de extrangerismo e imitações ao máximo

O que devemos é produzir, produzir ao máximo. Só assim, o atual estado de cousas desaparecerá. Mas greves? Miséria e mais miséria.

PROJETOR E CONSTRUÇÕES

ANTONIO PAVANATO

LICENCIADO

COPIAS HELIOGRAFICAS

Rua José Patrocínio

UBIRAMA

A Diretoria do C.A. Lençoense, vendendo o mando do jogo de hoje ao E.C. Noroeste provocou profunda indignação nos meios esportivos locais

Como é de conhecimento da maioria dos esportistas ubiramenses, a Diretoria do C. A. Lençoense, vendeu o mando do jogo de hoje ao E.C. Noroeste, pelejando em Bauru.

E essa atitude dos mentores do futebol local provocou profunda indignação nos meios esportivos de Ubirama. Chegou-se mesmo ao ponto de se convocar uma reunião extraordinária e depor a Diretoria atual em exercício, anulando, assim, o ato que tão humildemente contribuiu para desmoralizar o nosso esporte, depois de, com longos sacrificios, estar

com o seu cartaz bastante elevado no seio do futebol da zona e, mesmo do Estado.

Vendendo o C. A. Lençoense o mando do jogo ao E.C. Noroeste, por certo perderá a partida. E qual será o conceito dos torcedores do Luzitana e do Agudos F. C. que dirão de nó? Que nos vendemos pela gor-da importância de . . . 15.000,00 Cruzeiros.

E tem razão. Humilhação esportiva para os ubiramenses, que ainda tem em primeiro lugar o valor e tradições de sua terra.

Humilhação.

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces,
petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

Edital de Convocação do Juri

O Doutor José Teixeira Pombo, Juiz de Direito desta cidade e comarca de Agudos, Est. S. Paulo, etc.

FAZ saber a todos quantos o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem, que estando designado o dia vinte e quatro (24) de Junho p. vindouro, ás (13) horas no Forum, para instalar-se a segunda sessão periódica do juri, desta comarca, no corrente ano, que trabalhará em dias consecutivos e que havendo procedido hoje ao sorteio dos vinte e um jurados que deverão servir em a referida sessão, de conformidade com os artigos 427.o e 428.o do Código do Processo Criminal, foram sorteados os seguintes cidadãos: 1) Helio Brega, bancário em Ubirama; 2) José de Campos Guimarães, bancário em Agudos; 3) José Ferreira Silveira, industrial em Agudos; 4) Francisco Placco, farmaceutico em Agudos; 5) Zefiro Orsi, comerciante em Ubirama; 6) José Inacio Leite, lavrador em Ubirama; 7) João Baptista Ribeiro, comerciante em Agudos; 8) Carlos Baptista Nunes, comerciante em Alfredo Guedes; 9) Gino Augusto Antonio Bosi, farmaceutico em Ubirama; 10) Braz Perni, funcionário público em Agudos; 11) Canuto de Carvalho Barros, comerciante em Agudos; 12) Dario Sormani, comerciante em Agudos; 13) Antonio Tedesco, (dr.) médico em Ubirama; 14) José Bertholdi, comerciante em Paulista; 15) Eduardo Lorena, funcionário público em Agudos; 16) Manoel Amancio de Oliveira Machado, lavrador em Agudos; 17) Alexandrino Pinheiro de Freitas, lavrador em Alfredo Guedes; 18) Augusto Lauris, artista em Agudos; 19) Astro-gildo Pelegrini, funcionário público em Agudos;

20) Octavio Martins de Camargo, dentista em Agudos; e 21) Rodolfo Rangel, funcionário público em Agudos. A' todos os quais e a cada um de per si, bem como todos os interessados em geral, se convi-da para comparecerem no edificio do Forum, sito á Praça Tiradentes, desta cidade, tendo no dia e hora acima designados, como nos subseqüentes, enquanto durar a sessão, sob as penas

da lei si faltarem. E para que chegue ao conhecimento de todos e ninguém alegue ignorância, mandou o M. Juiz expedir o presente edital que será afixado no lugar do costume e publicado pela imprensa. Dado e passado nesta cidade e comarca de Agudos, no Cartório do Juri, aos vinte de maio de mil novecentos e quarenta e seis (20/5/1946). Eu, Décio A. Balestra, Escrivão interino do Juri o subscrevi.

O JUIZ DE DIREITO

(a) José Teixeira Pombo

Nada mais constava em dito edital, confere com o original. O Escrivão interino do Juri,

(a) Décio A. Balestra

Grupo Escolar «Esperança de Oliveira»

O Guloso - Reprodução

Certo domingo, José foi passear na chácara

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00

Fundos de Reserva Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -

Rua São Bento, 341

FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-Cruzeiro — Jaboticabal — Jacaré — Jaú-Lorena — Mogi das Cruzes — Mogi Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama — (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento	Juros 3% aa
C/C. Limitadas	Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.	

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:



REUMATISMO
ESCRÓFULAS
ESPINHAS
FÍSTULAS
ÚLCERAS
ECZEMAS
FERIDAS
DARTROS
MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

CONHECIDO HÁ 65 ANOS EM TODA PARTE

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

da sua madrinha e lá brincou o dia todo.

Ao regressar para casa, a madrinha deu-lhe uma penca de bananas maduras para comer com seus maninhos. José como era muito guloso, foi pelo caminho comendo todas as bananas.

Quando foi á noite ele sentiu umas grandes dores de estômago e foi deitar-se

De madrugada ele acordou vomitando e com muita febre e seu pai precisou chamar o médico.

A madrinha soube que José estava muito doente foi ve-lo e contou que tinha dado um cacho de bananas para ele repartir com os seus maninhos.

Foi então que a mãe descobriu a causa da doença.

José tomou muitos remédios amargos e precisou fazer uma dieta rigorosa.

Quando José sarou ele disse:—

— Já estou curado da gula e nunca mais me esquecerei dessa lição!

Luiz Gonzaga Ferraz Nogueira
3.º ano

Colocação dos quadros por pontos perdidos depois da rodada de domingo último.

Com a rodada realizada domingo último, a colocação dos quadros, da zona, por pontos perdidos, ficou a seguinte.

E. C. Noroeste	3
Luzitana F. C.	4
Agudos F. C.	4
C. A. Lençoense	6
A. A. Pederneiras	11

Alfaiataria Cicconi

(Confeções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo
UBIRAMA

A História se Repete...

Creio ser do conhecimento de todos os Ubiramenses, que em 1900 mais ou menos, os dirigentes de então, perderam a Comarca do antigo Lençóis, simplesmente por uma caixa de cerveja; assim a história se repete com o nosso futebol.

Decorridos quasi quarenta e seis anos, essa história está sendo repetida com o nosso futebol, porque como é do conhecimento do povo, e diretoria do futebol local acaba de assumir um compromisso pouco louvável, com o acordo feito com o Esporte Clube Noroeste, para que a partida futebolística que deveria ser realizada em nossa cancha, vai ser disputada no campo daqueles.

A decisão da diretoria local veio fazer com que a moral do povo de Ubirama fosse afetada em cheio, desaparecendo, assim, o conceito que ainda perdurava nesse povo bom e honesto.

E' de se lamentar profundamente a atitude pouco vulgar que a diretoria do esporte local tomou, demonstrando claramente que até no esporte bretão, o câmbio negro impera.

Dizer em contrário, seria profanar uma verdade, e embora todos os ramos de negócios e principalmente nas cooperativas constituídas, sempre tem apresentado aos seus acionistas o resultado da gestão desse ou daquele presidente.

Nada disso tem acontecido com os mentores do esporte local, nunca se viu publicação alguma nesse sentido, porque ao meu ver dos que sabem compreender, o nosso futebol tem andado às escuras.

Assim houve razão para que o povo revoltasse contra a decisão tomada pela diretoria, simplesmente por estar afastado da verdade sobre o movimento do nosso esporte, porque, si os contribuintes, muitos deles, com sacrifício tem contribuído, por certo, esse mesmo contribuinte tem por obrigação também de saber o que é feito do dinheiro do quadro.

As deliberações ou melhor essas altas recreações da diretoria, tem sido bastante

inconveniente, embora o velho adágio ser bastante claro em dizer que a «União faz a força» esse é fator preponderante para todos aqueles que necessitam de auxilio.

Essa revolta não é simplesmente um grito, mas sim, são os gritos de um povo que até os dias presentes tem sido espizinhado e humilhado por todos aqueles que aqui tem aportado, pois como todos sabem, temos sido bastante vítimas do pouco caso, e, não obstante, a diretoria acaba de confirmá-lo que de fato somos uns verdadeiros fantoches e manequins dos outros.

Essa revolta é de todos aqueles que ainda lhe perdura um pouco de senso e de vergonha.

O que se pode ver não é somente na biblia que se tem visto aquele tópico em que Caim traiu Abel, essas traições tem sido tão comuns nos dias de hoje e em nosso meio social, que por falta de tino e de compreensão o povo de Ubirama está sendo vendido pela importância de quinze mil cruzeiros.

Como todos sabem, que também dessa mesma biblia, existiu um Judas Escariote que vendeu Nosso Senhor Jesus Cristo pelo beijo da traição, por trinta e treis moedas de ouro, e hoje depois de tantos anos, a história se repete também com o povo de Ubirama, não pelas trinta e treis moedas, mas

sim pelos quinze mil cruzeiros, e isso talvez porque, não se trata de Nosso Senhor Jesus Cristo, e, sim de uma população que é constituída de quinze mil habitantes.

Fatos vergonhosos e indignos tem havido muitos, mas como o presente nunca houve a não ser aquele do Judas, e, assim as belas tradições desse povo de Ubirama desaparece repentinamente, embora muitos tenham se de batido pelas colunas deste jornal para que essa moral não viesse a desaparecer.

Creio não ser esses quinze mil cruzeiros que virão resolver o caso do dilema do esporte local, o fato é, que isso virá com certeza desmoronar de uma vez para sempre ao envez de elevar-lo nos mais altos píncaros como estava se prevendo.

Todos nós sabemos por experiência própria, que nem todos os caprichos são satisfeitos, uma porque, não é somente a vontade individual que pode imperar em certos negócios, porque quando se trata de fins coletivos como

o presente, essa vontade individual desaparece sem o apoio dos demais.

Assim exposto, pela vontade unanime desse povo, creio que os mentores do nosso futebol hão de meditar da atitude que tomaram, porque, muitas vezes, um passo errado, póde comprometer de uma vez para sempre, o bom nome e a moral de sua cidade natal como acabam de fazê-lo.

Observador

Assinem Leiam e Propaguem «O ECU»

FRACOS 2 ANEMICOS!
Tomem:
VINHO CREOSOTADO
Do Ph. Ch. João da Silva Silveira
Empregado com êxito nos:

- Tosses
- Resfriados
- Bronchites
- Escrophulose
- Convalecenças

VINHO CREOSOTADO
é um gerador de saúde.

ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261
AGUDOS

Grupo Escolar «Esperança de Oliveira»**CAIXA ESCOLAR**

Balancete do mês de maio de 1946

Saldo que veio do mês de Abril Cr. \$ 1.697,50

Receita do mês de maio

Contribuição dos snrs. pais de Alunos	157,00
« « profs. e diretor	27,00
« de um anonimo (pai de aluno do grupo)	100,00
	R. \$ 284,00

Despesa do mês de maio

(Não houve despesa)

Saldo que passa para Junho, (caderneta 218 da Caixa Econômica local) R. \$ 1.981,50
Alunos beneficiados com material escolar (em estoque) 106.
Beneficiados com merenda (70 alunos)
N. - A despesa de pão é paga pela L. B. A. núcleo local

Ubirama, 31 de maio de 1946

João B. Viana Nogueira
Diretor

Orlando Candido Machado
tesoureiro

Antonieta E. Yelli Grassi Malatrasi
presidente

Dr. João Paccola Prima

MÉDICO

Clínica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis a cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

Andorinhas...

Ontem, ao sair do sol, os fios estendidos diante da janela do meu quarto, estavam repletos de andorinhas, excitadas e chilreando. Tomavam elas larga extensão, em linhas horizontais, como que esperando o sinal de partida. Era um verdadeiro exército. Todas do mesmo tamanho e espécie.

E ali, eu permaneci algum tempo na esperança de ver aquele bando sair em revoada.

E enquanto isso, fui parafraseando, em pensamento o poético conto do aparecimento das andorinhas: — «Na Judeia, em pleno campo cheio de sol de Nazaré, brincava o Menino Jesus e, com as suas próprias mãos de bondade amassava o barro com que fazia passarinhos que colocava as asas abertas, no chão.

Um fariseu que passava interpelou-o: «Filho de pecado, o que fazes aí? E com o pé brutal procurava esmigalhar os passaros. Jesus, porém, opoz-se e, batendo as mãos fê-los voar para o além».

Tinham nascido, assim, as andorinhas, os passaros de Deus.

Assim eu fui dando voltas com os pensamentos, enquanto o sinal de partida, do bando ainda se fazia esperar.

Andorinhas...

LISSER

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, o jovem Zefiro Paccola e o menino Leogildo Laurindo, filho do sr. Laurindo Coneglian.

Dia 3, o menino Miler João Capoani, filho do sr. Virginio Capoani.

Dia 4, o sr. Romeu Brega, o sr. Vicente Moretto e a sta. Virginia Biral.

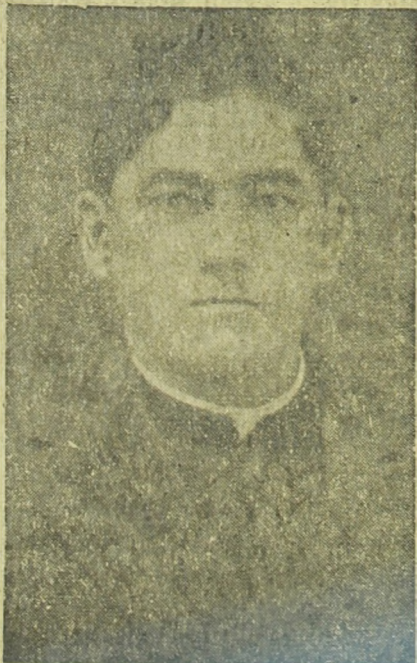
Dia 5, o menino Danilo Antonio Moretto, filhinho do dr. Antonio Moretto Sobrinho.

Dia 6, o sr. João Ferrari, o sr. Silvio Capoani e o menino Paulo Amaury Serralvo.

Dia 7, a menina Maria Lourdes Biral, filha do sr. Luiz Antonio Biral.

Amanhã, transcorre a data na talcía do revmo. Vigário Padre Salustio Rodrigues Machado.

Pela grata efeméride que o ilustre vigário registrará na agenda de sua existência, receberá por certo, inúmeras felicitações dos seus amigos e paroquianos, às quais, desde já «O E'CO» reúne as suas.



Padre Salustio Rodrigues Machado
VIGARIO DA PAROQUIA

Diretor: Alexandre Chitto

O E'CO

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

ANO IX

Ubirama, 2 de JUNHO de 1946

NÚMERO 423

Dois descarrilamentos em menos de 24 horas, no mesmo local

A' uma hora da madrugada do dia 26 do mês passado, de Bauru, vinha uma locomotiva e, atingindo a chave próxima à estação local, descarrilou.

E às 16,43 minutos, procedente também da «Capital da Terra Branca», a composição M. C. 4, ou o mixto, chegando ao mesmo ponto, teve o vagão de carga V. 399 tombado e fora dos

trilhos os V. 364-V. F. M. 4 e o lenheiro da locomotiva 252.

Como se vê, dois descarrilamentos em menos de 24 horas e no mesmo local, dado ao péssimo estado da chave. Casos, aliás, que vem reclamar urgentes medidas da Sorocabana em reparar o mencionado defeito, que felismente não ocasionou vítimas porque a Providência não o permitiu.

condições para as grandes disputas do atual campeonato. E talvez, hoje, não seja integrado para enfrentar o Noroeste.

A equipe local demonstrou o setenta por cento da sua eficiência costumeira, depois que Abilio passou a ocupar a posição de centro médio. Antes disso, foi mais uma disputa de estabelecer equilíbrio.

Os lençoenses podiam ter jogado melhor, mas, como dissemos, o centro médio, dado ao seu estado, não houve homogeneidade no conjunto.

E por isso, tivemos que nos satisfazer com um empate. O primeiro, aliás, colhido por Pederneiras durante o atual campeonato.

O quadro lençoense alinhou-se com a seguinte organização: Oberdan, Limão e Imparato; Belfare, Ilmo e Abilio; David, Bizzorro, Mano, Pedrinho, e Tite.

Apitou a partida o sr. Elpidio Fiorda da F. P. F., tendo uma atuação ótima.

Festa em louvor de Santo Antonio, no bairro do Corvo Branco

A exemplo de todos os anos, no dia 13 do corrente, realizar-se-ão, no bairro do Corvo Branco, as tradicionais festas em louvor de Santo Antonio.

Assinem Leiam e Propaguem «O E'CO»

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLÍNICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Floriano Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

Nascimentos

Desde o dia 19 do mês p. findo acha-se em festas o lar de Roldão Antonio de Oliveira e da. Eliza de Araujo Oliveira, com o nascimento de duas robustas crianças, que receberam na pia batismal os nomes de Assis Henrique e Hermes Celeste.

Aos progenitores, sinceros votos de felicidades, do «O E'CO».

Casamento

Às 14,30 minutos do dia 22 do corrente, na Igreja S. C. Jesus, em Campinas, realizar-se-á o enlace matrimonial do sr. Oscar Angelo Oliva, filho do sr. José Oliva e d. Luiza Paccola Oliva, residente em Lins, com a sta. Maria Cecilia Ferreira Braga, filha do sr. Joaquim Ferreira Braga e d. Idalina Bodini Brega, residente em Campinas.

Noivado

Contratou casamento com a srta. Ana Kukrecth, filha do sr. Luiz Kukrecth e D. Luiza Dolravec Kulkrecth, o sr. Dirso João Biral, filho de Angelo Biral e D. Silvia Sermarini Biral, ambos residente em S. Paulo.

Aos noivos, parabens do «O E'CO».

Futebol

Domingo passado, houve, em Pederneiras, o anunciado encontro entre A. A. Pederneiras versus o C. A. Lençoense, cujo prélio terminou com o empate de 1 a 1, não obstante a turma de Sandro tivesse demonstrado maior classe em um jogo de categoria superior ao seu adversário. Basta dizer que as traves salvaram a cidadela dos pederneirenses por seis vezes, durante a partida.

Todavia a A. A. Pederneiras salvou-se de uma nova derrota devido ao «pivot» Ilmo, que não está ainda em perfeitas

AVISO

A CIA. PAULISTA DE FORÇA E LUZ, avisa seus consumidores que, a partir do dia 20 do corrente mês de Maio, haverá os seguintes racionamentos de energia elétrica, devidamente autorizados pela Inspeção de Serviços Públicos e determinados pela situação atual. O objetivo principal desta medida transitória é permitir o funcionamento das bombas d'água, as quais, em muitos casos, não podem trabalhar satisfatoriamente nas condições atuais:

Das 18 às 22 horas, todos os dias uteis — para todos os consumidores ligados com máquinas de beneficiamento de café, algodão e arroz.

Das 14 às 16 horas, todos os dias uteis — interrupção de caráter geral nas localidades de Ubirama, Alfredo Guedes e Macatuba.

CAMPANHA DO PARAGUAI

A BATALHA DE 24 DE MAIO DE 1866

A 24 de maio comemora-se o aniversário de uma das mais sangrentas batalhas da guerra do Paraguai. O valor e o denodo dos bravos soldados brasileiros foi posto duramente à prova nessa luta sob o comando do general Osório. O relato de J. B. Bormann, que a seguir transcrevemos, dá bem uma idéia do que foi esse episódio histórico:

O marechal de campo João Propício Mena Barreto, gravemente doente, retirou-se para o Rio Grande do Sul, depois da capitulação de Montevideu em virtude do Convênio de 20 de fevereiro de 1865. Esse ilustre general, pelos seus serviços prestados nessa campanha, intitulada — *Campanha do Estado Oriental*, foi agraciado com o título de São Gabriel.

Era ele general em chefe das forças brasileiras que fizeram essa campanha; retirando-se para o Rio Grande, passou o comando ao brigadeiro Manoel Luiz Osório, que o assumiu interinamente. O governo, que não ignorava o estado melindroso de saúde do general João Propício, ainda este à frente do Exército, cogitava na nomeação de um outro general para substituí-lo, se o estado de saúde daquele general se agravasse a ponto de não poder continuar no comando que exercera, dignamente.

Finda a guerra do Paraguai, poucos anos depois, o ilustre rio-grandense conselheiro Gaspar Martins, chefe do Partido Liberal de sua província, separando-se politicamente do marechal Osório, marcou do Herval, na câmara dos deputados asseverou que fora ele quem indicara Osório para o comando efetivo do nosso Exército em operações. A verdade, porém, é outra. O imperador, sabendo que de um momento para outro o estado de saúde do general Propício podia privá-lo do comando, como mais ou menos já dissemos, enquanto o Ministério cogitava no substituto, ele, o monarca, já se havia lembrado do brigadeiro Manoel Luiz Osório e confidencialmente o declarou ao seu amigo íntimo visconde de Bom Retiro, que por sua vez, também confidencialmente, comunicou o ocorrido ao marechal duque de Caxias.

O imperador, alguns dias depois, conversando com o duque a respeito da guerra, deu a entender que o governo achava-se em dificuldades quanto à escolha do substituto do general João Propício. Era um modo indireto empregado pelo monarca para saber qual a opinião daquele imortal cabo de guerra, que oferecera seus serviços; mas, como a situação era dos liberais, ele não podia ser *persona grata*, por ser do Partido Conservador.

O duque — sabia que o monarca já se havia lembrado do brigadeiro Osório — declarou que o governo não podia ter dificuldades porque lá estava em campanha o brigadeiro Manoel Luiz Osório, que servira com ele em várias ocasiões, revelando muito valor e inteligência. O imperador deu mostras, pela sua fisionomia, de que estava satisfeito com as palavras que acabava de ouvir, porque atestavam que a sua lembrança tinha sido feliz.

A 18 de março de 1865 era Osório nomeado general em chefe do Exército brasileiro em operações, terminando assim a sua interinidade. Ele, o bravo guerreiro, merecera essa nomeação pelos seus brilhantes serviços e não por indicação ou empenhos de influências políticas.

O Tratado da Triplíce Aliança (Brasil e as Repúblicas Argentina e Oriental), celebrado a 1.º de maio de 1865, colocou os Exércitos das três nações sob o comando em chefe do general argentino Bartolomeu Mitre, então presidente da República Argentina. Não vem ao caso discutir esse Tratado. Resolvida a invasão do Paraguai, foi o inclito general Osório, à frente de um punhado de brasileiros, o primeiro que pisou o território inimigo, ato temeroso, coroado de brilhante sucesso. É bem certo que a fortuna ajuda os audazes. O Exército Nacional teve tais chefes gloriosos que, semelhantes a Turenne, quanto mais avançavam em idade, mais ousados, mais temerários se tornavam: Caxias, Osório e Porto Alegre.

O Exército aliado, conduzido pelo general em chefe Bartolomeu Mitre, avançou do *Estero Bellaco*, depois da surpresa de 2 de maio, até o areal de *Tutuí*, sítio coberto de *jatobás*, isto é, de belas e pequenas palmeiras. Aí acampou o Exército aliado.

À esquerda vai terminar esse areal em uma grande lagóia denominada *Pires*; à direita, continua ele com suas palmeiras a perder de vista; no centro, a pouco mais de um quilômetro, vê-se uma grande mata que se estende da lagóia *Pires* até o *Estero Rojas*.



O gal. Osório, marquês do Herval
Quadro de Aurélio de Figueiredo

★
De J. B. BORMANN
★

Nessa mata, o inimigo se fortifica com prodigiosa atividade; um ou outro piquete de infantaria inimiga e algumas vedetas observam o Exército aliado.

Na esquerda e centro dos aliados está Osório, à frente dos brasileiros, e à direita os argentinos, sob as ordens imediatas do general em chefe. Flores, o bravo general oriental, à frente de sua valente divisão composta de patrícios seus, está na vanguarda do general Victorino Monteiro, mais tarde agraciado com o título de barão de São Borja, com o 1.º Regimento de Artilharia a Cavalos com 24 bô-

cas de fogo e, ainda mais, com uma bateria oriental de 6 canhões. Essas bôcas de fogo eram comandadas pelo valente tenente-coronel Emílio Luiz Mallet, e em frente ele mandou construir uma trincheira com o respectivo fôssco, providência acertada, pois no dia seguinte, 24 de maio, foi de incontestável vantagem. O resto da artilharia foi dividida em baterias, colocadas na esquerda, centro e direita. Era preciso reconhecer a posição do inimigo e para tal serviço foi nomeado o distinto coronel André Alves Leite de Oliveira Belo que, com a 5.ª brigada de seu comando, procedeu ao reconhecimento, durante o qual doze bôcas de fogo do 1.º Regimento jorraram 159 granadas às posições inimigas que responderam com 24 canhões. Este reconhecimento teve lugar no dia 23; mas os generais aliados resolveram fazer de novo um outro, no dia seguinte, mais completo e com forças superiores, numericamente falando.

Estávamos no ano de 1866. O dia 24 de maio despontou sem que se notasse novidade alguma nas posições inimigas, abrigadas pela mata a que já nos referimos. Piquetes e vedetas de observação; um ou outro tiro de fuzil trocados com as nossas avançadas, como sucede quando adversários se observam. O general em chefe ordenara que o novo reconhecimento se efetuasse às 2 horas da tarde. Às 10 horas da manhã começou a distribuição dos viveres; a cavalaria péga cavalos e, bem assim, a artilharia que tem de tomar parte no reconhecimento. Reina franca alegria e entusiasmo nas forças aliadas. A maior parte da nossa cavalaria está desprovida de cavalos, tem de combater a pé, de lança, como as falanges macedônias.

Está, pois, a maior parte do Exército aliado ocupada em receber as suas etapas; o inimigo, que observa o que se passa em nosso campo, escolheu essa hora que lhe parecia mais propícia para surpreender os aliados, convencido de que facilmente esmagaria a vanguarda com algumas forças, enquanto a maior parte de seu exér-

cito impetuosamente as lançaria sobre a esquerda, centro e direita das tropas da aliança, desprevenidas e entretidas no recebimento de suas etapas. E, com efeito, de repente um tiro de canhão e alguns foguetes a *congrève* partiram da mata e despertaram a atenção dos aliados.

Era o sinal dado pelo inimigo para o início de sua ofensiva. Era justamente meio dia. Colunas das três armas irromperam da mata fronteiria, onde o inimigo se entrincheirara, e se arremessaram sobre as posições adversárias com impeto terrível. Os melhores chefes paraguaios dirigem o ataque; grandes massas se atiram especialmente sobre a nossa esquerda, mas com incrível rapidez as forças ocupadas no recebimento das etapas correm a seus postos armados-se e a fuzilaria imediatamente crepita por toda parte; os canhões da vanguarda trovejam furiosamente, acompanhados os trovões com a fuzilaria da infantaria que os protege. Enquanto troam os canhões de Mallet lá pela vanguarda que, pela sua presfeza de tiro, mereceram o nome de *artilharia a revólver*, a artilharia do centro, direita e esquerda e a infantaria procuram quebrar o impeto das cargas inimigas. É bem fácil fazer uma idéia do tumulto que reina no campo de batalha. Reuniam-se os estrondos dos canhões, às crepitações dos disparos de milhares de espingardas, os gritos e exclamações de ódio dos combatentes, o tinir das armas, o tropel dos esquadrões, e se concluirá que deverá ter sido um concerto de uma harmonia infernal!

Na nossa esquerda, onde estão o 1.º batalhão de artilharia e uma parte do 3.º, combate-se furiosamente; mas, atacadas aí as nossas forças por inimigo numericamente superior — 10 batalhões de infantaria, 4 regimentos de cavalaria e 6 canhões — tiveram de recuar, mas somente uma parte do seu flanco esquerdo, até o *Estero Bellaco*; na vanguarda os batalhões orientais *Libertad* e *Independência*, surpreendidos e atacados também por forças superiores em número, não conseguiram formar; o pânico lançou entre eles a desordem, e a fuga se viu-se com lastimável resultado, ficando morto no campo de batalha o coronel Castro, comandante do primeiro daqueles batalhões, e Elias, comandante do segundo, gravemente ferido.

Apesar da prontidão com que, em geral, o Exército Aliado tomou as armas e entrou em ação, a surpresa e o extraordinário impeto do ataque, como sucede muitas vezes nas surpresas violentas, deram algumas vantagens ao inimigo no começo da cruenta peleja. Sobre a nossa esquerda e centro visa especialmente o desesperado esforço

[Conclui na página seguinte]

UMA GLORIA DA CENA BRASILEIRA

A 21 de agosto de 1854, nascia, em São Luiz do Maranhão, uma menina que, mais tarde, recebeu na pia batismal, o nome de Apolonia.

A menina cresceu e, à medida que o tempo passava, ela passava os pais com sua viva inteligência e com a vocação que demonstração pela arte de recitar e de representar. Todos vislumbravam, naquela garota de talento, uma futura artista do palco.

E não se enganaram os que assim pensavam. Poucos anos depois a menina que viera à luz num camarim, o número 1 do Teatro São Luiz, co-



meçou a entusiasmar as platéias do Norte, interpretando os mais variados papéis com uma perfeição e uma naturalidade dignas de serem apreciadas. Já famosa em sua terra natal, Apolonia Pinto — então com seu nome

pronunciado com respeito pelas platéias — foi chamada ao Rio de Janeiro, onde sua estréia valeu por um grandioso acontecimento artístico e social. Foi depois, a São Paulo, onde colheu os mais belos triunfos da sua fulgurante carreira.

A vida de Apolonia Pinto é a própria vida do teatro nacional e seu nome está ligado à história do teatro brasileiro com destaque indelével.

Sêlos humorísticos

Na vasta coleção de sêlos, utilmente usados pelo comum dos mortais para portar as cartas, e alegria dos filatelistas, nenhum apareceu, até agora, propositadamente humorístico.

Todavia, se certos defeitos e erros de desenho escapam à vigilância das entidades oficiais, apressa-se o público a notá-los e a com eles se divertir.

Durante largo tempo comentou-se em França, alegremente, a figura da "Semeadora", estampada nos sêlos do correio, porque a dama, com um cestinho enfiado no braço, semeava contra o vento...

Entre os sêlos emitidos em 1933

pelos Estados Unidos, os chamados sêlos da "Reconstrução", o de três centínimos divertia os americanos. Nele apareciam quatro personagens: um lavrador empunhando uma foice, representava a Agricultura; um senhor com ares de banqueiro, o Comércio; um operário, munido de martelo, a Indústria, e uma mulher sem profissão ostensiva. No fundo, estas palavras: "Numa resolução comum".

Ora, enquanto o lavrador, o operário e a mulher avançam com "élan" e a passo certo, o banqueiro — e este é o motivo para o gracejo — o banqueiro não marchava nada!...

Alimentação e desenvolvimento

Boa alimentação e em quantidade suficiente melhora a mentalidade da criança doente, é o que afirma o dr. I. Newton Kugelmass, numa comunicação à Sociedade de Terapêutica, em sua reunião anual. Esta conclusão ficou provada com medições rigorosas em 164 crianças, mentalmente normais, mas sub-alimentadas. As crianças em questão apresentaram apenas a média de 12 pontos, num quociente de inteligência determinado. Outro grupo que servia de controle não apresentou melhora alguma. Segue-se que o crescimento mental é retardado pela má ou deficiente nutrição e cresce com a alimentação sã.

O doutor Kugelmass descobriu igualmente que, quanto mais nova e mal alimentada for a criança, maior é a recuperação mental, quando ela volta a comer bom alimento, na quantidade necessária. É possível uma recuperação mental completa aos quatro anos e uma ligeira melhoria aos seis. A curva de progresso é como que a imagem do crescimento da curva cerebral, aos quatro anos, e do seu desenvolvimento total, depois dos seis. Verifica-se, portanto, que o dano causado ao desenvolvimento mental da criança é irreparável.

("Science Service").

PAUL HENREID - O CAVALHEIRO PERFEITO

Entre os famosos astros que o cinema norte-americano tem criado em tempo relativamente curto, há um tipo especial que atrai a maioria do público feminino. Esse tipo é o do "perfeito cavalheiro". Se Rodolf Valentino e George Wash não tivessem morrido tão cedo, ainda estariam atuando em papéis estelares, arrebatando as mulheres fanáticas pelo cinema. Depois que estas duas personalidades cineastas desapareceram, Ronald Colman e John Gilbert encontraram-se com tantas ofertas que não poderiam satisfazer a todas elas. Por isso a indústria americana resolveu voltar-se para o país dos amores, a França, afim de pedir auxílio para o grande problema que se lhes apresentava. De lá convidaram para vir Fernand Gravet, Maurice Chevalier e Charles Boyer. Depois vieram Francis Lederer, de Praga e Paul Henreid, de Viena, via Londres.

A boa estrela de Paul Henreid ergueu-se logo e, — pode-se dizer — é uma estrela que não desaparece com a luz do dia. Ao contrário, parece que brilhará ainda nos horizontes hollywoodenses por longo tempo.

Henreid é vienense, embora tenha nascido em Trieste. Conta 34 anos e foi educado no Teresianum, um dos colégios mais aristocráticos de Viena. Resolveu-se a seguir a carreira de jornalista, mas, depois de alguns anos, voltou-se para o teatro, para o qual lhe parecia melhor dotado. Com seus 6 pés e duas polegadas de altura e uma notável aparência, Paul Henreid tem ainda uma voz grave muito agradável.

A empobrecida Viena não lhe poderia oferecer muito êxito em

Por WALTER KLINGER

sua carreira artística. Todavia Henreid que estudara no conservatório de Viena, tomou parte em alguns papéis estelares de obras que estavam sendo levadas em diversos teatros da cidade.

Henreid foi apresentado no Teatro de Josephstadt no papel do estudante de "Fausto", sob a direção de Max Reinhardt. No "Scala" o teatro que antes se chamava Johann Strauss, atuou com Albert Basserman em "Dono de milhões". Tomou parte na "Senhora da paz" com a famosa estrela Sari Fedak, do teatro húngaro, e tomou parte também com Mary Lossef em "Festa no Savoy". Depois atuou em vários filmes como, por exemplo, "Alta escola". Neste tempo Henry Sherek, um dos mais famosos diretores ingleses, foi a Viena em busca de um ator para a sua obra intitulada "Café concerto", que pretendia produzir em Londres. Paul Henreid era o homem próprio para este papel, e assim Henreid se tornou o ídolo do público em Londres.

Muito êxito alcançou em "Café concerto", mas Londres foi definitivamente conquistada por sua magnífica caracterização do príncipe Alberto em "Vitória Regina". Seu conhecimento do idioma inglês — devido a seu constante estudo — melhorou tão rapidamente que logo chamou a atenção da Indústria Cinematográfica Inglesa. Depois assinou um contrato para trabalhar em vários filmes, dos quais os mais importantes foram "Um homem louco da Europa",

"O lar de um inglês", "Adeus Mr. Chips", e "Trem da noite".

Chegando a Nova York, Henreid permaneceu durante algum tempo para se acostumar à maneira de viver norte-americana. Tomou parte em várias peças de teatro na Broadway; também em vários programas de rádio; isso facilitou sua entrada para os estúdios. Uma vez em Hollywood, foi imediatamente aclamado por sua interpretação em "As luzes brilharão outra vez". A Warner Brothers reconheceu as capacidades de Henreid e ofereceu-lhe um contrato. Como seu primeiro papel ia ser com Bette Davis em "Estranha passageira", Henreid aceitou-o logo. Depois trabalhou em "Casablanca", com Ingrid Bergman e Humphrey Bogart. O seu último filme, em companhia de Ida Lupino, Olívia de Havilland e Nancy Coleman chama-se "Devoción". Agora filma outro com Ida Lupino "Nosso tempo". Henreid fará o papel de um oficial da cavalaria polonesa. Ida será uma jovem que foi a Varsóvia tratar de negócios por ocasião da invasão nazista. O filme terá a direção de Vincent Sherman.

Paul Henreid possui um grande talento, reconhecido por muitos críticos e goza de especial admiração por parte do sexo feminino. Suas excelentes maneiras, o domínio de si mesmo, o tato, com que se porta nas situações mais delicadas, tanto no cinema como fora dele, impressionam muito bem. Paul Henreid fala muito francamente de seus modos continentais, que são considerados responsáveis por sua popularidade.

Para milhões de europeus, sua escola, sua educação, suas tradições são consideradas uma maldição e um obstáculo para progredir, que lhes rouba a possibilidade de viver a seu gosto. Sou um dos poucos que se sentem beneficiados com esta espécie de instrução. O menino europeu aprende a ter muito "respeito"; é obrigado a dirigir-se a seus superiores e mestres com títulos de respeito já passados na moda; aprende a esconder seus sentimentos e a fingir. Aprende a ser humilde e assim perde a confiança em si mesmo. Comparando minha juventude com a de um menino americano, sinto pena do pobre menino europeu. Enquanto que ao menino americano se dá toda a liberdade possível para que se desenvolva sua personalidade, a do menino europeu é frustrada. Suas opiniões são um mero eco do que ouve dos pais e seus pensamentos se desenvolvem de uma maneira premeditada.

"Lembro-me perfeitamente do dia em que me deixaram comer com os "grandes". Isso parece não ter importância alguma, mas deixou gravada em mim uma impressão profunda. As melhores guloseimas não pagariam o que sofri. Sentia os olhos dos "grandes" cravados em mim e suas repressões soavam sem cessar a meus ouvidos. O número de variedades de talheres me confundiu e preocupou tanto que já não podia mais.

"Vejam o menino americano, comparado com o pobre Paul Henreid. Porta-se naturalmente, ri e brinca com os pais, não sofre desenganos nem falta de confiança em si mesmo".

Henreid não tem intenções de regressar a sua terra. Vive com sua mulher numa casa encantadora em Brentwood, perto da Universidade da Califórnia. Quando não trabalha, uma de suas ocupações favoritas é ver os meninos brincarem nos parques. Para ele, os meninos americanos são o símbolo desta pátria: a liberdade, a força e a procura da felicidade.



OS ARTISTAS DO CINEMA FRANCÊS — C. Dauphin, um dos grandes astros da tela surgidos agora na nova França, tem alcançado grande sucesso nesta fase de reorganização dos estúdios da lendária pátria de Victor Hugo

O jogo do coronel

Zé Pancrácio deixara a cidade de Santana de Táboa Lascada e fora para o Rio disposto a gozar as delícias da metrópole.

Lá chegando, instalara-se em um hotel próximo à estação e diariamente fazia os mais variados passeios, deleitando-se com o movimento estonteante da capital. Certa noite, em que, após o jantar, chupava o seu charutinho habitual, é abordado por três indivíduos de não muito boa aparência, com quem fizera relações no hotel.

— Olá, coronel, como vamos de passeios? — perguntou um.

— Bem! — responde o Pancrácio. — Mas o piô é qui esta mar-

rita butina tá mi cumeno a cabeça do dedão...

— Ora, coronel, pois eu vinha justamente propôr-lhe um pókezi-nho, e desta forma o amigo não irá martirizar os pés andando por aí.

— Num tá máo; o diacho é qui eu num sei jogá muito bem o tar de póke... Im todo caso bamo lá. Formada a roda, começaram os três malandros a sorrir, antegozando a facilidade que decerto teriam em tapear o Zé Pancrácio.

Distribuídas as cartas e feitas as apostas, o coronel ia entregando a cada jogada, o seu cobre aos sabidos parceiros, que, no auge do contentamento, amontoavam as pilhas de fichas. Ia o jogo progredindo, quando formou-se uma mesa gorda pela quantidade de fichas.

Aposto cem! — diz um dos jogadores.

O coronel olha as cartas, pensa, coloca-as na mesa e pergunta:

— Óia aqui! Quando a gente tem quatro carta iguá é qui ocêis chama di forde, num é?

— É sim, coronel. Quatro cartas iguais formam justamente o four.

— Tá bom. Intão eu bóto cem e mais cem...

Os sabidos entreolharam-se, e, na certeza do grande jogo que o Pancrácio tinha em mão, recuaram.

— Nós fugimos, coronel, não vemos o seu jogo.

Tendo nos lábios um sorriso enigmático, o coronel foi logo chamando a si o grosso monte de fichas, e estava contando e arrumando os montinhos quando foi interrompido:

— Então, seu coronel, que sorte! Pelo que vejo, o amigo tinha mesmo um four, não é verdade?

E o coronel Zé Pancrácio, abrindo as cartas na mesa:

— Eu num sei bem, mas mi parece qui é o tár de blêfe...

O PREÇO DA MORTE

No tempo de César a morte de um homem custava ao seu autor uma quantia equivalente a 75 centavos. No tempo de Napoleão o preço subiu para cerca de três cruzeiros. Chegou a cinco cruzeiros durante a guerra da independência dos Estados Unidos, e a 21 na primeira guerra mundial. Durante a última guerra, cálculos já realizados e aproximados, estimam cada morte em 50 dólares.

Os alemães, porém, procuraram uma compensação para suas perdas em homens. Vingavam-se, nesta guerra, extorquindo dinheiro das famílias daqueles que a Gestapo fuzilava ou decapitava, estipulando preços para a "pensão" enquanto o paciente esperava pelo julgamento, "aluguel" do cômodo, despesas do processo, inclusive honorários ao advogado da defesa... Ao todo mais de milhar e meio de dólares. Para o defensor apenas 33 dólares.

Também, para nada fazer...

CAMPANHA DO PARAGUAY

[Conclusão da primeira página]. do inimigo. Como já dissemos, uma parte do nosso flanco esquerdo teve de recuar pelo choque inimigo até o Estero Bellaco; mas o general em chefe do Exército brasileiro, o intemerato general Osório, vendo que a parte do nosso flanco esquerdo que se conservava firme, podia ser envolvida, avançou como o bravo general Sampaio à frente de vários batalhões brasileiros e aos vivas à nação, ao imperador, carrega de modo irresistível, a baioneta, as enormes massas inimigas; em vários pontos, uma luta encarniçada corpo a corpo tem lugar com grandes vantagens para os nossos infantess e em breve melhoram as condições da nossa esquerda.

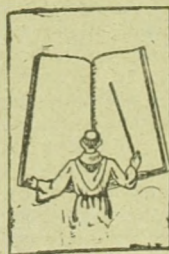
O campo de batalha já está cheio de cadáveres e feridos paraguaios; na vanguarda, Mallet, com a sua artilharia, prossegue na sua tarefa de extermínio; melhorada a situação da nossa esquerda, Osório, cavalcando fogoso ginele, corre para o centro da linha de batalha, aí o general Isidoro Resquin atacou as forças brasileiras com 2 batalhões de infantaria e 8 regimentos de cavalaria; a luta corria vivíssima. Como fizera na esquerda, Osório, à testa de alguns batalhões ataca a baioneta os dois batalhões inimigos, fuzila a sua cavalaria e a situação em pouco tempo toma um aspecto de todo favorável aos nossos combatentes.

Melhorada a situação do centro, Osório sabe que os nossos cama-

radas argentinos corriam sério perigo; com efeito, o inimigo surpreendera a cavalaria corrientina, pouco numerosa, às ordens dos generais Hortos e Cáceres, e arrebatara-lhe 2 estandartes; a artilharia vítima da mesma surpresa, e sob o comando do bravo coronel Julio Vedia, debalde, mesmo em desordem, procura, com os seus camaradas de cavalaria, resistir aos ataques adversários; o inimigo cutula artilheiros e cavaleiros sobre os próprios canhões; parte das guarnições, seguida de cavaleiros foge, aterrada até Itapirá, espalhando notícias pavorosas.

Enquanto estes fracos desertam do campo da honra, muitos outros morrem, abraçados aos seus canhões, em defesa dos mesmos. O inimigo, superior em número, prepara-se para levar os canhões para a retaguarda, como gloriosos troféus; mas o bravo general Paunero, denodadamente, à frente de alguns batalhões ataca à baloneta o inimigo, arranca-lhe os canhões e não escapa à morte um só paraguaião daqueles que chegaram até a artilharia do nosso aliado. Osório chegou com seus batalhões, quando o bravo argentino, general Paunero, arrebatava as bocas de fogo das mãos do inimigo; ele foi recebido aos vivas entusiasmados dos nossos aliados e, devido ao poderoso reforço que levou, o inimigo foi repellido e nesse lado do campo de batalha a luta arrefeceu. Mas os chefes paraguaios, crentes talvez de que a vitória dependia do aniquilamento da nossa esquerda, voltaram aos seus ataques impetuosos. Osório aí reaparece, atacando de novo à baloneta, no fim de uma luta tenaz repele mais uma vez os paraguaios e dentro em pouco as cargas de cavalaria inimiga, o troar de sua artilharia e a sua fuzilaria vão diminuindo de vigor, e o exército, que iniciara a batalha com a vantagem da surpresa e impetuosidade do ataque, apresenta claramente todos os sintomas da mais completa derrota. Osório avança, então, com a esquerda e centro; a direita e a vanguarda imitam o movimento; o inimigo recua sempre e afinal, completamente desbaratado, foge em debandada para o interior das matas.

O MAIOR LIVRO DO MUNDO



Orgulha-se o convento dos Dominicanos de Viena de possuir o maior livro do mundo. Esse livro mede 1 metro e 20 centímetros de comprimento por 95 centímetros de largura, e data do ano de 1924. É um registro de notas biográficas de todos os homens ilustres desse mosteiro.

A DUQUESA DE BERRY

Estou longe de querer canonizar essa bela e ativa filha do duque de Orléans, mais pecadora do que Madalena, mais voluptuosa do que Cleopatra, mais apaixonada do que Marion Delorme. Desafivelei-lhe, porém, a máscara, e via-a menos criminosa que culpada.

Onde começou essa perversidade? Ela era neta de madame de Montespan e aprendeu a lér na história dos amores de sua avó com Luís XIV. Aos quinze anos, ela já sabia tudo; enganou-me; ela conhecia a volúpia, não o amor. Que estranha comédia, na corte do Regente, essa indiscreção do duque de Berry.

Que mulher sábia! Dizia ele no seu deslumbramento; eu julgava saber tudo e afinal nada sabia.

Trabalho perdido, o de ensinar esse pobre duque de Berry a lér, para vê-lo fechar o livro em seguida.

Sua lua de mel não chegou ao fim da primeira fase.

Ao cabo de oito dias de casado, sentado em Versalhes, o duque de Berry envia à duquesa uma mensagem, pelo seu escudeiro de La Haye.

— Que me importa, diz a duquesa, que ele esteja em Versalhes ou em Paris; nem quero deslacrar-lhe a carta.

— Mas, senhora, diz o escudeiro, inebriado pelos olhares da duquesa, essa carta é o grito da paixão.

— Foi o senhor quem a ditou? continuou a filha do Regente com essa voz que, segundo Riton, penetrava no coração como um punhal ou como uma carícia.

De La Haye roja-se aos pés da duquesa. Toma-lhe a mão; queima-a com seus lábios.

— Levante-se, ordena a duquesa. Ele se ergue, e ela cai-lhe nos braços.

Quando a vertigem passou, a filha do Regente disse ao escudeiro do marido, com sua clara e atraente risada:

— É assim que desejo lér as cartas do duque de Berry.

— Senhora, fez o escudeiro, tearei o máximo cuidado em lhas trazer todas.

De La Haye estava assombrado com sua boa sorte; ele sabia que a duquesa era ativa, ciumenta, ardente; compreendia que acabava de embarcar em plena tormenta. Inclinou-se profundamente, como para retomar o seu papel de escudeiro.

— Vai-se embora? — perguntou a duquesa surpreendida.

— Sim, senhora, respondeu respeitosamente de La Haye. Volto a Versalhes, onde o duque me espera.

Segunda risada da duquesa.

— Ah! julga, mesmo, que tudo acabou? Pois bem! Ainda não chegou ao fim das suas obrigações. O senhor vai fazer o favor de me raptar sem perda de tempo.

— Raptá-la, senhora!

— Sim, quero me furtar à tirania e à vingança do duque. Iremos para a Holanda que é, segundo me disseram, o país da liberdade. Dou-lhe meia hora, senhor, para os preparativos de viagem. Ouça bem: quero ser raptada, porque se fico aqui, tudo estará perdido, tanto para mim, como para si.

E a duquesa de Berry sai para buscar seus diamantes, deixando de La Haye perplexo, na sala dos espelhos.

Chega o duque de Orléans.

— O que fazes aí, de La Haye?

— Senhor, penso, com tristeza, que a duquesa de Berry pode ter, muito bem, enlouquecido.

— Tu é que estás louco; expli- ca-te!

— Senhor, a duquesa me ordenou que a raptasse dentro de meia hora.

— Para que?

— Já! — murmurou o Regente.

— Para fugir do duque de Berry.

— Esse já do Regente é uma palavra característica que o define perfeitamente.

Chamou a filha, que se lhe atirou aos pés e lhe confessou seu crime.

— Contarás tudo isto ao teu confessor e não tornarás mais a vêr de La Haye.

— Quem eu não quero vêr mais, é o duque de Berry.

E sem debater o assunto, correu a se encerrar a sete chaves, no palácio do Luxemburgo.

É-nos permitido acreditar que ela não se haja trancafiado só.

O reinado do marido mal tinha durado uma fase de lua; o reinado do amante não chegou a durar uma lua completa. Lauzun, que desafiara o orgulho de Luís XIV humilhando a grande "Mademoiselle", fazia escola na corte. Seu sobrinho Riom, cadete de Gasconha como ele, sabia de cor esta máxima do tio, recolhida por Saint-Simon: "Os Bourbons querem ser tratados com rudeza e subjugados de bastão erguido, sem o que não poderíamos exercer sobre eles o menor ascendente". Esse Riom não era belo, nem forte, nem espiritual. Maurepas disse que a sua cabeça era a de um chinês; ele deveria dizer: a de um indiano. Sua figura estranha, toda bronzada, tinha um ar dominador que prendeu a duquesa à primeira vista. Havia tanto tempo que ela governava todo mundo, que espermentou uma verdadeira volúpia ao encontrar, finalmente, quem a governasse.

Riom obrigava-a a viver moderadamente. Para escapar ao seu ciúme, ela inventou o baile de máscaras da Ópera, o verdadeiro baile de máscaras da Ópera, com todas as loucuras e orgias da decadência.

Contudo, a duquesa de Berry receava o futuro.

Trabalhada pelo arrependimento, ela abandonava de quando em quando, o mundo, e ia refugiar-se no Convento das Carmelitas, onde se refugiara, também, a la Vallière. Armando-se de coragem e sub-

De ARSÈNE HOUSSAYE

metendo-se à rígida disciplina da casa para dar combate às suas paixões, ela levantava-se à noite para rezar, e chorava sobre os desvarios da sua vida passada. Mas, os belos dias de sol vinham e, com eles, todas as aspirações das que vivem da vida e não da morte.



Desembaraçava-se, então, de sua mortalha e imediatamente se dizia, na corte, que a filha do Regente tinha voltado, ainda uma vez, do outro mundo.

Um dia, o marido perdeu a paciência. Pediu ao duque de Orléans o exílio de Riom. O Regente lhe declarou que os negócios de

Estado não lhe deixavam tempo para se preocupar com a infelicidade dos maridos. As frases insultuosas que essa resposta brusca provocou, repercutiram fortemente na corte, para repercutirem, depois, na história.

Estava o duque de Berry resolvido a tomar medidas extremas, quando a morte o colheu de surpresa. Era voz corrente que fora envenenado pela esposa. Esta acusação, porém, cai, ante a indiferença da duquesa pela corte e pela opinião pública. Que tinha ela a lucrar com a morte do marido? Tinha só a perder, pois Riom iria, certamente, obrigá-la a se casar de novo. O próprio Riom foi acusado. Não quero me dar ao trabalho de o defender, mas estou inclinado a crer que o duque de Berry morreu naturalmente, como um homem que nada mais tem a fazer, isto é, que não tinha nada a fazer.

Riom, que se vangloriava de não ter medo de Deus, nem do diabo e nem do Regente, obrigou a duquesa a se casar secretamente com ele, e depois, gritava aos quatro ventos. O Regente censurou-o asperamente. Riom, que estava embriagado, respondeu-lhe insolentemente: "Que me importa. Nos meus amores, procuro sempre me elevar e nunca descer como o senhor!"

Querendo castigá-lo sem suscitar escândalo, o Regente ordenou-lhe que se pusesse à frente do seu regimento.

Riom foi a Luxemburgo, para se despedir da duquesa.

— Por que chorais? voltarei em breve.

— Choro, porque quando regressares, eu já terei partido.

— Teréis partido?

— Sim, a morte bateu-me à porta esta noite; acordei aterrorizada.

Foram essas as suas últimas palavras; esse foi seu último adeus.

A duquesa estava para ser mãe. Teve medo da morte e solicitou a presença do arcebispo de Paris, que lhe mandou um padre. Era o vigário Languet. "Tenho medo do diabo, disse-lhe, ministre-me os últimos sacramentos". O vigário principiou uma prédica, onde plañtiu, à maneira de Juvenal e de Bousset, os escândalos da corte. Quando ele pediu à duquesa para mandar expulsar Riom, ela se enfiou e ordenou que atrasassem o reverendo pela janela. Deu à luz uma menina, e sentiu-se bem. Mas, levantou-se cedo de mais para oferecer ao pai uma cela, nos jardins de Meudon. Cometeu essa imprudência, premiada pela necessidade de encobrir o ocorrido e, também para provar que suas relações com o pai eram as melhores possíveis, tanto mais que as visitas cada vez mais raras do Regente à filha começavam a ser comentadas. Debalde a advertiam do perigo a que se expunha no melindroso estado em que se encontrava. No firme propósito de apagar as suspeitas da sua maternidade, foi presidir ao festim, sem preocupar-se com o sereno e o ar frio da noite.

Desta vez a morte marcou bem a sua presa. Com arrepios glaciais e uma febre altíssima, foi a duquesa levada para o leito, de onde não se ergueu mais.

O arcebispo de Paris lhe enviou um vigário menos ortodoxo ou, talvez, mais ortodoxo, que rezou em vez de pregar e que lhe administrou a extrema-unção.

Foi no meio do maior aparato, de portas abertas, diante dos cortejos e dos lacaios. Finda a cerimônia, quando as portas foram fechadas, quando se viu só com madame d'Arpajon e madame de Mouchy, ela teve um sacrilego acesso de riso. "E perguntou, como o imperador Augusto aos seus amigos, se havia representado bem o papel".

Ela esperava viver ainda, mas, dois dias depois, sobreveio a recaída. Dessa vez não teve medo do diabo, mas, recebeu haver perdido a Deus para sempre.

O arrependimento penetrava, enfim, naquela alma perversa. Não queria mais escrever a Riom; pediu novamente os sacramentos e rogou a Deus que a não deixasse nem mais um dia neste mundo, onde só havia provocado escândalos.

A duquesa morreu no castelo de La Muette, no dia vinte de julho de 1719. Ela se desgostara de Meudon, assim como os doentes de corpo e de espírito, na sua tristeza, clismam com ar e com os lugares. Tendo a recaída se dado em Meudon, não houve conselho que a demovesse de se fazer transportar dali para La Muette, enrolada em cobertas e deitada numa enorme carruagem.

Ela morreu. Logo após o descalace, um homem apresentou-se e disse aos padres e às mulheres que a velavam, que desejava ficar só, para rezar diante do seu leito. Quando esse homem ficou só, caiu ajoelhado e prorrompeu em soluços.

— Minha filha!

Quanta coisa exprimia esse simples grito do coração! Sim, essa exclamação: Minha filha! significava: "amei-a muito; não fui bastante enérgico para reprimir as suas loucuras; achei graça nas suas impertinências; minhas faltas impediram-me de vêr as suas; julguei que tudo era permitido àquela que possuía beleza e espírito; esperei sempre o dia seguinte para fazer penitência; aceitei, como artigos de fé, as palavras dos cortejos, mas o historiador, que não é um cortejo, será severo, mais tarde, para com o pai e para com a filha".

O duque de Orléans tomou a mão da morta, beijou-a religiosamente, deixou rolar sobre ela duas lágrimas e saiu inconsolável para sempre.

Alexandre Dumas, um precursor de Hollywood

De J. BALENSI

Alexandre Dumas tornou-se maiores épocas da História do seu país familiares ao mundo inteiro e até aos seus compatriotas.

Com anos, ao certo, passaram desde o tempo em que produziu as suas obras-primas mais célebres. Contudo, estas centenárias nunca estiveram mais florescentes. Se, durante a guerra, tivessem interrogado vinte livreiros, teriam sido unânimes em responder: — Os livros mais procurados? Continuam a ser os de Alexandre Dumas.

Hoje mesmo, quando o bloqueio se abriu, finalmente, na Europa, às literaturas aliadas, é lícito perguntar se o entusiasmo dos leitores franceses por Faulkner, Caldwell, Hemingway, e os outros, não deve qualquer coisa à velha inclinação para o antepassado Dumas... É, quando admiram o famoso dinamismo americano, é, talvez, porque lhe encontram um ligeiro sabor aos "Três Mosqueteiros" ou ao "Monte-Cristo".

Mas parece-me que Dumas prefigurou acima de tudo os mestres de Hollywood. Os seus romances são, todos eles imaginados no mesmo movimento que procuram os encenadores do cinema moderno.

Nenhuma digressão psicológica cria obstáculos ao desenvolvimento da ação. Tudo decorre em imagens. Esta falta de cambiantes prejudica seriamente algumas vezes, sem dúvida, a pura verdade histórica. O autor não pretende apresentar um documento, mas sim uma ficção agradável.

Três páginas lidas da "Polícia a nú", de Peuchet, inspiram-lhe, por exemplo, o "Conde de Monte-Cristo".

O livro faz chover, na sua escarcela, uma saraivada de francos. Vai encomendar, imediatamente, ao arquiteto Durand, um palácio naturalmente batizado Monte-

— Cristo, e que há-de levantar-se numa das colinas de Saint-Germain em Laye.

Precisa de um parque inglês, de um castelo Renascença e, no meio de águas vivas, de um pavilhão gótico para gabinete de trabalho.

O seu processo de 1847 contra "Le Constitutionnel" e "La Presse" revelou, aliás, que se comprometera com aqueles jornais a produzir, cada ano, mais manuscritos do que o mais diligente dos escribas poderia copiar.

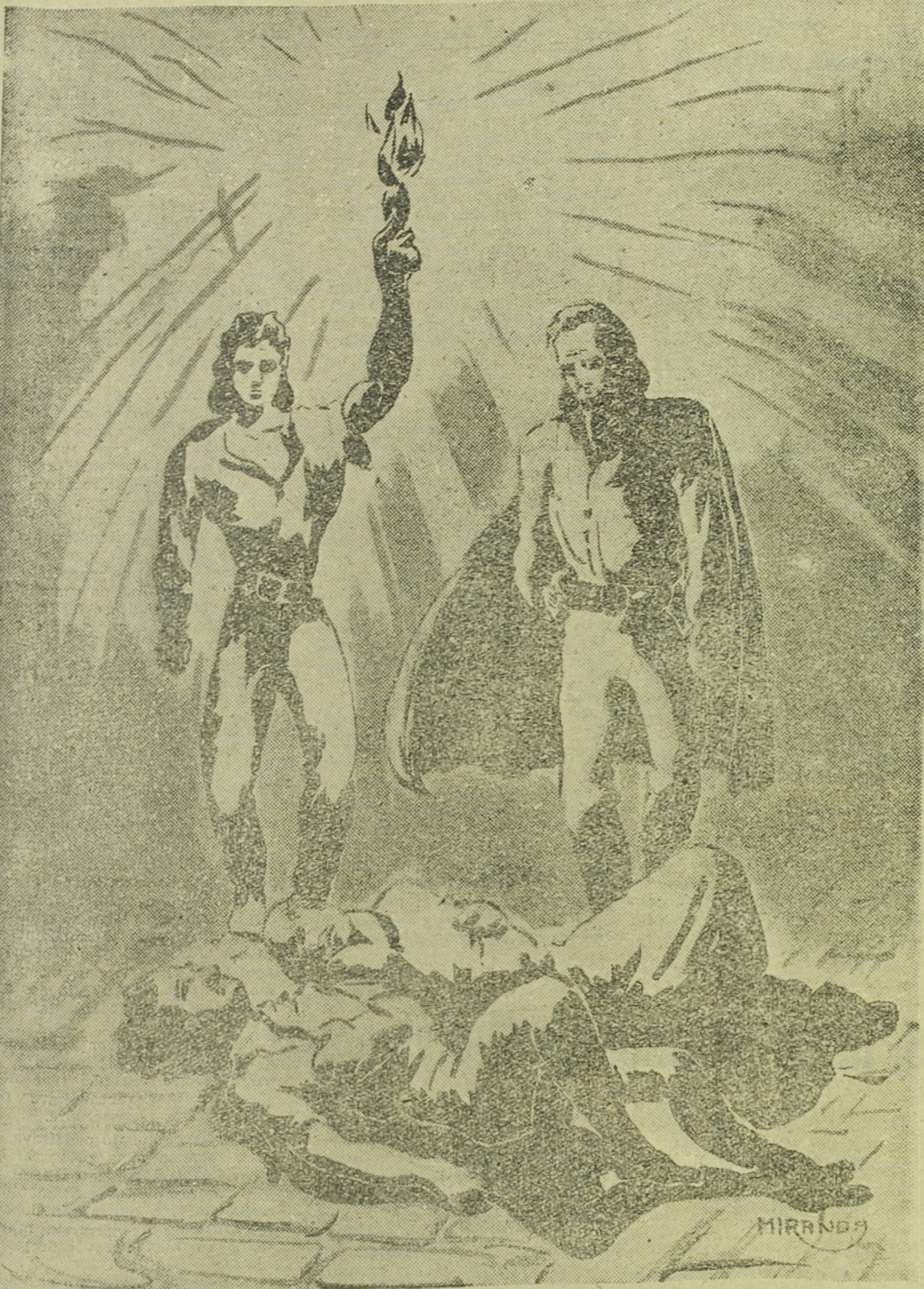
Também não escondeu que tivéra de organizar industrialmente o seu trabalho e empregar mais de uma dúzia de colaboradores. Eugène de Mirecourt chamava-o, por isso, "A Casa Alexandre Dumas & Cia.". Enquanto Béranger, ao recomendar-lhe um dos seus protegidos, lhe dizia que "admitisse um interessante exilado no número dos mineiros que emprega para extrair o minério convertido por ele em lingotes bons e lindos".

Os primeiros anos da vida de Dumas foram difíceis. Ao começar a carreira, em 1823, deveu à sua letra magnífica um posto de supernumerário, com 100 francos por mês, no secretariado do Duque de Orléans.

O escritório prendia-o das 10 às 17 horas e das 20 às 22. Dormia duas horas e escrevia na cama.

Alou o aperfeiçoamento da cultura às primeiras tentativas dramáticas. A primeira peça rendeu-lhe 6 francos e três cadeiras para a estréia. Os colegas de escritório, para mais, riem-se dele.

A revolta de Van Artemburg



A cidade contava com trezentas mil almas. Elevava-se entre Furnes e Bruges, com a torre do seu sino de rebate, baixa e massiva, a sua catedral gótica com telhado de cobre azinhavrado, o amplo mercado, um Hotel-Dieu e ainda algumas escolas. Cem mil homens, fabricantes de teares, penteadores, lavadores, desfiadores, cardadores, pisadores, trama-dores, tecelões, tintureiros, tosquidadores, impressadores, lagareiros, bateadores e aprestadores ali viviam da lã.

Um povo famélico e borbulhante se amassava sob os tetos ponteados, nas altas casas frágeis, de madeira e tijolos, a cavaleiro das ruas estreitas e dos inúmeros canais fétidos por onde corriam as águas gordurosas e quentes dos tintureiros e dos lavadores, com o seu colorido esmaecido.

Vivia-se tumultuosamente. Calçavam-se as ruas, falava-se em estabelecer condutos para a água das fontes. E todos os dias encontrava-se um cadáver preso entre as grades que barravam a saída do rio. Lanternas a óleo iluminavam as encruzilhadas. O pão era caro e o álcool custava um preço exorbitante. Não havia semana em que os cortejos de grevistas não fossem até o palácio da Municipalidade gritar a sua miséria e o seu ódio.

Conto de MAXENCE VAN DER MEERSCH

De toda a parte, no entanto, afluía gente que deixava as suas aldeias para ir viver na grande cidade.

Havia sido construída sobre um antigo pantanal atravessado por um rio. Uma fileira de dunas abrigava-a das grandes borrascas. A janela dos seus celeiros, moças melancólicas subiam para sonhar, vendo fugir para o sul, sobre uma planície chata, verde e saturada de água, as fumaças negras da cidade. E do norte, para além da dupla das dunas montantes, como cavalos em fúria, e do mar cinzento e enorme, de dentes brancos, subia, inflava, rolava e esfacelava-se o esquadrão cor-de-ferro das nuvens, sob o açoitio do vento do norte ressoante de clarins bárbaros.

O Steen de Karl de van Artemburg erguia-se perto do Burgo. Um Steen é uma grande casa de pedra. O de van Artemburg era

vasto e dizia do poder do seu dono. Karel havia salvo a cidade atacada pelos gentes. Repelira o agressor, exigira um decreto que concedesse à sua cidade o direito de tecer "lams" de prata. O nome de van Artemburg era querido por todos, burgueses e comerciantes. Só o invejavam e temiam surdamente os partidários do barão Hulbrecht, a quem a cidade pagava os impostos.

Os impostos eram causa de grande agitação, onerando opressivamente os tecidos que eram exportados para a Inglaterra. A concorrência das outras cidades flamengas no mercado inglês tornava-se mais perigosa. Assim, a burguesia alarmava-se. E o povo queixava-se do imposto sobre os cereais, que encarecia o pão. Duas vezes já, no passado, os velhos haviam-se insurgido contra o pai do barão Hulbrecht e aqueles da burguesia que o apoiavam. Havia sido vencidos.

Ora, naquele ano chegou aos arredores da cidade um frade carmelita, com uma vestimenta de pano marrom irreparavelmente em farrapos e que andava descalço. Ele pregava ao povo que saísse das fábricas. E, à noite, andava de barco, como Jesus, pelos canais pútridos, onde as pagaías dos remadores provocavam o negro borbulhar da lama e a explosão de bolhas pestilentas. Em pé à proa da lenta e pesada canoa, erguendo os

braços e o rosto para a multidão inumerável que, das janelas e dos telhados, inclinava para ele as fisionomias ávidas, o Pai Augustus, em meio a um silêncio de catedral, evocava com um furor sagrado o nome terrível da liberdade. E daquelas zonas mais afastadas do centro da cidade erguia-se às vezes um troar de clamores e rugidos.

Um vento de insurreição soprava sobre a cidade tecelã.

— Abolido o imposto sobre a lã, diziam os mestres tecelões, mais de dez mil teares penderiam das nossas paredes!

— E quantos mercadores, quanta gente encheria a nossa feira! murmuravam nas pequenas lojas.

— O pão menos caro! bradava o povo.

— E o trabalho mais bem pago! prometiam os patrões.

Até em redor de van Artemburg chegaram os rumores de revolta aberta.

— Seria para o nosso nome e para os nossos filhos uma grande honra, dizia sua mulher, se te pedissem que fosses o seu chefe, como se murmura...

O magistrado consultou os partidários do barão Hulbrecht. Resolveram fechar-se com a guarnição no Burgo, cerrando as portas e aguardando os reforços prometidos pelo barão.

O Burgo, no coração da cidade, fechava numa faixa de pedra, de torres e canais a catedral, o palácio da Municipalidade com a sua torre de sino de rebate, os mercados, o antigo castelo dos barões e alguns "Steens" fortificados.

Uma manhã correu pela vila, sublevando o furor unânime:

— O Burgo fechou as portas!

— Não farei nada! dizia Karel van Artemburg.

Achava-se na grande sala baixa do seu Steen e olhava através das janelas de losangos de ferro os fossos esverdeados e profundos e a porta de carvalho fechada.

— Falavam todos de ti, dizia seu filho. Queres-te como chefe. Virão em breve falar-te, com o Pai Augustus.

— Recusar-me-ei. Que poderia ganhar com isso?

Mas todos exclamaram:

— Karel! Karel! Se te ouvissem! Tu, o herói da cidade! Tu que nos salvaste! Tu, cujo nome...

— Justamente! Não quero arriscar...

— Como, Karel! És tu quem falas assim! Tu, o homem de coragem que só tem tido por ideal o dever?

Ele os olhava, um a um, seu pai, sua mulher, seus irmãos, seus filhos. Perguntava com uma angústia confusa:

— Será esse o dever? Estais bem certos?

Não houve tempo para responder. Com o clamor de um mar que se chocasse contra um dique, a turba humana plena de rugidos inundou a região, submergiu tudo, batendo-se contra os muros de pedra do Steen, subindo e agarrando-se às grades de ferro das janelas.

— Van Artemburg! Karel! A nós, Karel! A nós, Carolus!

O entusiasmo tinha muito de furor. As grades estavam ficando abaladas.

— Que entrem, disse van Artemburg.

Entraram, duzentos exaltados, roucos de tanto terem gritado. Fora, um grande silêncio caíra subitamente sobre a multidão.

— Que quereis? perguntou van Artemburg.

— Ter-te como chefe, arrasar o Burgo e viver livres!

— Por que eu?

— Porque não podemos nada sem ti, Karel!

Karel os observava. Reconhecia-os a todos, os velhos operários, os tintureiros de mãos azuladas, os pisadores, os lojistas, os carregadores de água, os remendões, todo aquele povo miúdo, famélico e alegre entre o qual, criança ele

crecera. Lía nos rostos ardentes e descarnados a imensa esperança, a súplica patética.

Voltou-se para os seus. A mesma ansiedade, a mesma esperança em suspenso.

Hesitou ainda.

— Por que eu? Por que quereis que eu...

— Porque é o teu dever, Karel, disse o velho flador.

— O meu dever?

— Pensa em nós. Na nossa miséria! Mais trabalho! E impostos demasiados. Olha pela janela, vê nossas mulheres e nossos filhos! Tu nos conheces, estiveste nas nossas tendas, partilhaste do nosso pão com cebolas. Lembra-me de te haver ensinado muitas canções que sabes, Carolus! Amavas-nos, pobres embora fôssemos. Naquele tempo, ainda se podia ser feliz: trabalhava-se, comia-se. Agora, a cidade morrerá se não vieres em nosso auxílio. Não compreendes o teu dever? Ouve-nos, Karel... Ouve-nos.

E todos os outros, seus amigos, seu pai, seus irmãos, sua mulher, repetiam-lhe:

— É preciso ir. É o teu dever. O teu dever!

O Burgo foi tomado naquela mesma noite; um pouco antes de meia-noite. Os fossos haviam sido cheios de entulho. Cento e cinquenta homens abrigados sob um pálio de madeira arrombaram a porta por meio de um pesado tronco. Houve carnificina no paço. Do torreão do castelo choviam pedras, telhas, tijolos e projéteis. Cinquenta homens de armas ali haviam-se abrigado, com os notáveis e suas famílias. Em redor daquela bastilha massiva de pedra, o povo em vão amontoava os cadáveres.

Então, van Artemburg fez acumular ao pé do torreão carroças de palha, a que atearam fogo. O fogo fez uma cortina de púrpura para a velha torre, lambeu as muralhas, subiu até o cimo, rodeou a cumieira, que ruíu no interior da construção, arrastando na queda os pavimentos de dois andares. A porta do torreão abriu-se. O magistrado apareceu, erguendo um farrapo branco. Um homem saltou sobre ele, estrangulou-o, abriu-lhe o ventre. A torre foi invadida, soldados, notáveis, mulheres, crianças, degolados. Houve saque, bebedeira, cabeças foram levadas a passeio pela cidade, enfiadas em paus, e os cadáveres de tecelões e artesãos em carroças cheias de feno, entre clamores, lágrimas, risos, cantos, maldições e o grito sem cessar repetido:

— Liberdade! Liberdade!

Mas as tropas do barão Hulbrecht chegaram no dia seguinte. Van Artemburg organizara como pudera as milícias e fizera consolidar as portas da cidade. Desde a véspera partira um correio para a cidade vizinha, pedir auxílio a um amigo de van Artemburg, o velho Claudius Vilwaert, burgomestre. Esperava-se a sua próxima chegada, com as milícias comunitais. Já o luto, as mortes, os sangrentos resultados do ataque ao Burgo e sobretudo o receio das represálias próximas haviam feito germinar no espírito de muitos a dúvida, o arrependimento e o medo.

O barão Hulbrecht acampou sob as muralhas da cidade. Devia temer a chegada de Claudius Vilwaert. Ordenou o ataque para a manhã seguinte, mais cedo do que se pensava.

Combata-se nas ruas. Um bando de assaltantes, subindo o rio em embarcações, forçara as barragens que impediam o seu curso e por lá haviam penetrado na parte norte da cidade. Desguarnecendo as amuradas, van Artemburg, encabeçando os revoltosos, procurava

[Conclui na página seis].

De sobre as majestosas árvores verdejante bosque que cobria uma das ilhas do Pacífico, uma ave de vistosa plumagem alçou voo. Um jovem guerreiro, Kanaka, sentado de cócoras à porta de sua cabana, apanhou rapidamente o arco e a flecha e um segundo mais o dardo agudo cruzou o espaço, descrevendo ligeira trajetória. O grasnado da ave se fez mais estridente; suas asas bateram desesperadamente, elevando o corpo mais alto para depois cair a prumo no claro do bosque.

Kanaka apoderou-se da presa e julgou-a, como o bom conhecedor,

Mas sua família, desejosa de poupar-lhe vexame, opôs resistência a essa fórmula.

— Será a última vez que u'a mulher se atreve a fazer valer sua vontade por esse modo — disse um velho parente da fugitiva — embora lhe permitamos que fique de novo entre nós. Para isto lançaremos uma proclamação aos quatro ventos. Isto não deve repetir-se; não o permitiremos.

— Mas não seria lição de resultados eficientes. — protestaram os jovens.

— Será muito proveitosa — assegurou de novo a família — por-

insistiu o jovem oficial, que antegozava a idéia de intervir naquele episódio selvagem sem o freio da autoridade do seu chefe. Deixei-me partir e não se arrependeu de haver-me dado uma prova de confiança.

O governador tinha as idéias demasiadamente confusas naquele momento para continuar defendendo seu ponto de vista. E deu a permissão necessária.

As guerras se solucionam sem maiores dificuldades nas isoladas ilhas do Pacífico. O ajudante de campo conhecia o sistema a empregar e com esse objetivo con-

cussões, enquanto eu aguardo o resultado.

Sentado sob o teto de uma espaçosa cabana, o homem branco entreteve-se a conversar com os juizes neutros sobre os costumes dos nativos e a beber, de tempos a tempos, grandes tragos de kava — a bebida que faz amortecer o corpo sem turbar a mente — enquanto se levava a cabo os preparativos da festiva festa com que seria celebrada a paz, apenas fosse a mesma consertada.

Era muito agradável gozar as delícias da temperatura ali comodamente sentado e sentir simul-

nalmente, a vacilante claridade de uma dezena de tochas, se realizaram os concursos de atletismo, de salto e de manêjo de lança.

As lâminas das lanças reluziam sinistramente na semi-obscuridade ao cruzar o espaço para enterrar-se no círculo traçado sobre o tronco nodoso de uma mangueira. O ajudante de campo, com as pernas vacilantes, mas com a mente serena, avançou cambaleante até o alvo. Não se lembrava de ter visto uma festa dessa classe em sua vida; nenhuma ilha contava com tão adestrados atiradores de lança. Não constituiria audácia

CONSEQUÊNCIAS

excelente prato. As penas verdes e alaranjadas serviriam para adornar o vistoso manto que usava sobre os ombros, enriquecendo-o mais ainda.

Ao cair da tarde, à hora mais fresca, quando os velhos se sentam silenciosos à porta de suas cabanas e os jovens preparam as armas para a jornada do dia seguinte, o guerreiro cruzou, a passos lentos, a vila, orgulhoso do seu ornamento, como um pavão real da sua cauda.

Através da paliçada de um pátio, uma mulher jovem, que olhava a rua, o viu passar. Seus olhos se fixaram fascinados no manto que se destacava sobre a pele cor de ébano do homem. Que fortes eram os músculos do seu dorso, quão jovem era ele, quão dominador! Oh, se pudesse pertencer a um homem como aquele, em lugar de dividir com outras cinco esposas os magros favores de um régulo de articulações endurecidas, de cabelos brancos e mal humorado, que a havia comprado à sua família por sete cerdos!...

Sonhar nas horas de descanso, trabalhar no jardim a maior parte do dia ou na cozinha, preparando a comida, sob as ordens das esposas mais antigas do mesmo senhor, não era vida para u'a mulher jovem e formosa. Aquilo não era justo, se bem que o velho Koko possuísse suficientes cerdos para comprar todas as mulheres da vila. Por que não dispunham os homens jovens como aquele dos sete cerdos necessários para comprar u'a mulher? Seus olhos negros observavam com desdém, com tristeza e com desespero, o esbelto guerreiro que, percebendo-se admirado, passeava altivamente de frente das cabanas, sempre com o atraente adorno de penas verdes e alaranjadas. Mais um pouco, seria velha — pensava. Tinha já quinze anos! Ao cabo de dois ou três mais, um homem como aquele não perderia o tempo em dedicar-lhe um só olhar.

— Devo sair daqui — pensou — antes que seja demasiado tarde. — Sim... esta noite, esta mesma noite, fugirei da minha prisão e voltarei ao seio da família.

Seus parentes não a receberam com alegria. As esposas descontentes abundavam no lugar e, conseqüentemente, eram abundantes também os desgostos causados por elas. Primeiro, Juria; uns dias mais tarde, Matea; e agora esta outra. Koko não se tranquilizaria com a mesma facilidade que o desdenhado marido de Juria. Koko era rico e poderoso. Seu descontentamento poderia trazer a guerra e a vila não estava preparada para resistir. Ademais, a conduta da rebelde daria um exemplo muito pernicioso às outras. Que rumo tomaria a vida da família se as mulheres jovens se acreditavam com o direito de fugir da companhia de seus esposos somente porque se contrariavam sob o seu próprio teto? Os anciãos da tribo, reunidos em solene conclave, deliberaram sobre tão importante assunto.

— Se a obrigarmos a voltar a casa — disse alguém — nenhuma outra jovem de nossa tribo se atreverá novamente a burlar desse modo a decisão de sua família. A recepção que terá ao pisar de novo os humbraes do lar do espóso, será suficiente para assegurar esse resultado.

que o medo ao conhecido é menos poderoso que o terror ao desconhecido. Se deixamos as jovens na ignorância do castigo que corresponde a uma esposa rebelde, nenhuma delas se atreverá a correr o perigo de averiguar-lo por sua própria conta. Ao saber exatamente o que terão de sofrer, é possível que decidam suportá-lo em troca da liberdade. E então as deserções aumentariam cada vez mais.

As discussões prosseguiram até que os anciãos se deram por satisfeitos.

— Que fique com sua família — disseram, afinal. Que se dê a conhecer a proclamação em toda a vila. Que as sentinelas ocupem seus postos e os guerreiros tomem suas lanças. Estamos em guerra.

Uma guerra em uma ilha do Pacífico é um acontecimento muito frequente, para que os europeus encarregados de manter ali o império da paz a tomem a sério. Por outra parte, os distúrbios se localizam exclusivamente na selva, e é ao longo da costa onde se levantam os limpos e pitorescos bungalôs dos missionários brancos, as barracas de produtos, a agência do banco, o correio e a casa do governador. Quando a notícia chegou das colinas à ribeira, o governador estava ébrio.

— Aparecerei na vila algum dia da semana que vem — respondeu languidamente à pessoa que lhe trouxe a notícia.

Seu ajudante de campo, um jovem inquieto e aventureiro, rogou-lhe que o deixasse intervir no assunto.

— Se lhe ocorrer algo desagradável — observou o governador — ficarei numa situação difícil diante dos meus superiores da metrópole.

— Não corro o menor risco —

★
De ALEC WAUGH
★

vocou os representantes das tribos inimigas para uma assembléia, que se devia realizar numa vila neutra.

— A que se devem esses distúrbios? — interrogou aos delegados por ocasião da reunião.

Um amigo de Koko levantou a voz.

— Sete cerdos foram pagos por u'a mulher. A mulher deve ser devolvida à casa de seu legítimo espóso.

Um ancião, parente da mulher discutida, falou por sua vez.

— Nossa filha foi maltratada naquela casa — disse. Não podemos permitir que a obriguem a voltar à mesma.

— Nesse caso, os sete cerdos devem ser devolvidos a Koko — interveio um dos seus partidários. — Nossa filha passou em companhia de Koko todo o ano. Os sofrimentos suportados por ela nesse prazo de tempo valem seis cerdos, pelo menos — foi a resposta que recebeu.

— Pelo ano que passou em companhia de Koko poderíamos aceitar a redução de um cerdo...

— Não aceitaríamos menos de cinco.

As negociações estavam assim reduzidas à questão de preço. A deliberação diplomática — bem o sabia o funcionário francês — seria interminável. Decidido a não incomodar-se em prestar-lhes ouvidos, expressou sua opinião, dizendo:

— Nada tenho a dizer sobre as reparações. Mas lhes rogo que se reúnem à sombra daquela mangueira, para prosseguir as dis-

taçamente o fogo da bebida invadir as veias.

De instante a instante, enviava um delegado para inteirar-se do curso das negociações.

— Não há acôrdo?

Não era possível chegar a conciliação. Mas o funcionário não se preocupava mais com o necessário. Os juizes se cansariam de suas inúteis palavras, sentiriam fome e recobririam o bom sentido.

A agradável hora do crepúsculo chegou. Os homens, com os olhos incendiados pela impaciência, aguardavam o final da assembléia. As mulheres punham flores nos cabelos para festejar a paz.

Mas os juizes continuavam palestrando e a carne do assado estaria quase queimada, quando chegasse a hora de servir-se o banquete comemorativo.

Uma alta e imponente figura levantou-se, afinal, na assembléia.

— Não falemos mais — sugeriu. Que se dê a jovem com sua família e se devolvam quatro cerdos a Koko. Aquele que quiser discutir minha decisão, levante a voz enquanto conto até vinte. Um... dois... três...

Uma boca se abriu para protestar. Mas a brisa trazia o inequívoco cheiro da carne assada e seu ímpeto se dominou antes de prosseguir.

— Dezoito, dezenove, vintel! Um demorado e poderoso grito elevou-se de todas as gargantas. A guerra estava concluída.

A paz foi celebrada da mesma forma que, desde tempos imemoriais, se festaja no Pacífico ocidental. Grandes tachos de kava, pratos de carne triturada, carne de javali assada, um constante ruído de tambores, um contínuo lamento de mulher que baila, bater de palmas, cantos, discursos. Fi-

deixar-se sobre o tronco e permitir que os guerreiros desenhasssem os contornos de seu corpo com as lâminas de suas lanças. Todos os homens aprovaram a idéia. Qualquer um deles faria o mesmo. Veria que efígie esculpiam no tronco, modelando o corpo do branco! Todos riam.

A primeira lança cravou-se a meia polegada do ombro esquerdo do jovem. Veio uma segunda, uma terceira. As folhas metálicas, obedeciam matematicamente ao impulso do atirador. O ajudante de campo ria como todos os demais. Que festa, aquela! Que experiência inolvidável! Outro guerreiro avançava correndo, lança em punho. Seus olhos reluziam, seus dentes muito brancos pareciam os de uma fera em atitude de agressão. Ele via claramente seus cabelos revoltos, seu braço forte ao elevar-se com a lança em riste, o fulgor metálico da folha, ferida pela luz das tochas. E, de pronto, sentiu-se desfalecer, quis levantar-se, mas suas pernas se negaram a ampará-lo.

— Diabo leve a kava! — pensou ao inclinar-se para a direita, quando recebeu a lança no coração.

O governador francês havia recobrado a lucidez, quando a notícia da morte do seu ajudante chegou à costa.

— Pobre rapaz! — foi o seu primeiro pensamento. Minha posição é arriscada — foi o segundo. E se deixou dominar por este último. Ninguém acreditaria em Paris que uma guerra numa ilha do Pacífico não se assemelha a um levante nas fronteiras de Marrocos. Submetê-lo-iam a um interrogatório e não perdoariam sua indiferença no assunto. O único que poderia salvá-lo seria falar à verdade, relatan-

[Conclui na sexta página].



Consequências...

[Conclusão da página cinco].
do o ocorrido numa maneira muito diversa dos fatos. Devia diminuir o caso ou dar-lhe a maior importância possível, mas fôsse como fôsse, desfigurá-lo por completo a fim de que tivesse visos de realidade aos olhos dos civilizados parisienses. Poderia negar a existência da guerra, atribuindo a morte de seu jovem ajudante a um simples acidente ocorrido numa caçada, na selva. Ou, ao contrário, assegurar que a rebelião, empolgando as selvas, ameaçava a costa e seus pacíficos povoadores brancos e pedir imediatamente o auxílio das forças armadas civilizadas.

Final se decidiu pelo segundo dos caminhos. Não deixaria de ser divertido ver o alarma causado no meio da pacífica colônia, fortificar a casa do governo, colocar sentinelas nos postos avançados, reunir sob o mesmo teto os colonos e plantadores, os eternos inimigos. Dessa forma atrairia também a atenção das autoridades para a filha, dar-se-lhe a maior importância aos seus serviços, e era possível que não se deixasse esperar por mais tempo a ambicionada promoção.

Os radiogramas que enviou pedindo auxílio foram captados por um cruzador inglês, ancorado no golfo de Campenária, por uma esquadrilha francesa em Saigon e por um barco de guerra americano, surto nas Filipinas. Este último atendeu incontinenti ao pedido de socorro. A lancha do governador foi ao seu encontro. Explicavam-lhe o motivo do alarma governamental.

— O senhor fez muito bem — disse gravemente o marinheiro norte-americano. Qualquer homem se teria portado da mesma forma em seu lugar. Começarei por tomar medidas energéticas para jugular o movimento e prender os insurretos. Em primeiro lugar ordenei o bombardeio da zona em distúrbio e enviarei em seguida uma patrulha ao interior da ilha.

Transmitiu, a seguir, ordens rigorosas aos seus subordinados.

— Jamais houve aqui qualquer levante — disse-lhes — e nós teremos cuidado para não molestar esta pacífica gente. Mas para cumprir nossa obrigação, vamos disparar uma dúzia de salvas. Que ninguém, entretanto, tente promover qualquer desordem.

Os nativos receberam as salvas jubilosamente. Deveria tratar-se de alguma homenagem fúnebre ao infortunado ajudante de campo do governador. E promoveram festas para demonstrar sua solidariedade aos brancos proporcionando ainda magnífica recepção ao contingente de desembarque. O capitão americano cumpriu a promessa feita, proporcionando às autoridades parisienses as melhores informações sobre a decidida atuação do governador. Este, por sua vez, recomendou o comandante ao ministro dos Estados Unidos, salientando-lhe a coragem e o desprendimento na defesa da vida de toda uma coletividade.

Quinze dias mais tarde, o comandante obteve a licença que solicitara como justo prêmio à sua coragem e decisão. O telegrama em que anunciou o regresso à sua esposa, foi recebido por esta, quando em Atlantic City resistia ao assédio que um homem enamorado fazia à sua virtude. Ela o amava tanto, como odiava ao marido. Não compreendia a razão por que devia sacrificar seu amor a um laço inoportuno e tirano e realizou a escolha entre as duas coisas, sem muito remorso.

A notícia da chegada iminente de seu esposo obrigou-a a tomar decisões imediatas. Com o seu regresso efetivamente, se acabava a liberdade que havia gozado tão alegremente pelo espaço de seis meses. Conhecida a tirania dos seus elumes e sua intransigência de amor com direitos a exercer. Não havia pensado até então em precipitar os fatos, mas as circunstâncias demandavam uma pronta solução.

Mirando o rosto jovem e apaixonado que a contemplava extasiado naquele momento e recordando o semblante duro e toco

do homem maduro que sua família lhe havia imposto como esposo, compreendeu que não tinha forças para romper o romance de sua vida.

— Dir-lhe-ei que sim, se insistir de novo — pensou.

E teve oportunidade de executar seus pensamentos.

A esposa do comandante não era somente uma mulher prática, mas orgulhosa. Assim, pois, era necessário não deixar a cargo de seu desdenhado esposo o pagamento de suas despesas particulares. Felicitou-se a si mesma ao verificar que tinha a necessária coragem para ordenar que não lhe entregasse um custoso vestido de *soirée* que tinha encomendado havia uns dias à sua modista.

A notícia chegou ao conhecimento desta no mesmo dia em que dava o último ponto na obra. Ela não produziu grande satisfação à mulherzinha de cabelos brancos. A esposa do comandante era boa pagadora e precisamente naquele momento necessitava o dinheiro. Ver-se-la obrigada a vender o vestido a uma loja de modas qualquer e contentar-se com o que lhe quisessem pagar.

Mirando-o pensativamente encontrou a empregadinha, que aquela hora passava por sua casa para recolher os pedidos que deveriam ser entregues antes do anoitecer. Esta, por sua vez, ficou extasiada diante da riqueza do vestido. Se ela pudesse ter um igual! Causaria muito melhor impressão ao jovem inglês com que havia falado durante suas férias na praia, e em cuja companhia ceitaria naquela noite. Em traje de banho era boa concorrente das mais opulentas damas. Era alta e delgada, e seus olhos ardiam permanentemente de amor. Ele se havia sentido atraído por ela e esperava agora uma oportunidade para lhe falar claramente sobre as suas intenções.

Mas como poderia pretender tanto, quando não tinha elementos para se apresentar perante ele senão com um modesto vestido, impróprio para a ocasião? Uma moça amável e boa seria a classificação que lhe estava reservada, quando com a ajuda de um bom vestido poderia obter um resultado bastante mais satisfatório. Aquele famoso modelo em seda rosa poderia prestar-lhe valioso concurso, em lugar de unir-se a outros da mesma categoria em um guarda-roupa sobrecarregado de trajes, para ser esquecido por sua dona ao cabo de uns dias.

— Para quem é esse vestido? — perguntou à modista.

Esta deu de ombros.

— Não o sei. A suposta dama acaba de me enviar uma contra-ordem.

A jovem pensou uns momentos.

— Eu poderia exibi-lo esta noite como modelo — disse.

— Onde o levarias?

Deu o nome de um centro de reunião elegante.

— Está bem — aprovou a mulher de cabelos grisalhos. Pode ser que isto me traga novos clientes.

O jovem inglês que se havia enamorado de uma empregadinha de casa de modas, ao contemplá-la nas praias durante suas férias, estava de pé diante da porta do seu apartamento. Era um verdadeiro alívio viver incógnito algumas vezes, sem ser descoberto e classificado onde quer que fosse, pelo "delito" de possuir um título de nobreza do seu país. Nada mais agradável do que sair em companhia de uma pessoa que não conhecia sua importância, que o aceitava simplesmente, porque o considerava jovem, interessante e atraente.

Era uma moça alegre e boa. Bulhosa, independente, companheira agradável, amiga leal. Uma moça que poderia ser boa esposa. Pensaria nela ao eleger a companheira de sua vida em Lincolnshire, seu condado natal, onde o esperavam seus deveres. U'a mulher poderia alegrar um tanto a velha casa cinzenta, levantada em pleno campo. Mas teria que elevá-la de classe diferente, não havia dúvida. Esta jovem não se adaptaria à sua situação. Eram dois planos totalmente distintos aqueles em que se moviam suas respectivas vidas.

Não poderia levá-la para sua casa de pedra cinzenta sem destoar com as coisas, as pessoas e o ambiente. E não poderia deixar de ponderar tudo isto um homem que, como ele, tinha contraias com a vida obrigações muito sérias: as de seu nome e sua tradição. Era lamentável, mas nem por isto, menos real. E, de pronto, se sentiu triste e desconsolado, porque ela era tão bonita, tão adorável.

— Fli-lo esperar muito tempo? — disse uma voz ao seu lado.

Ele encarou-a por alguns minutos.

Está bem neste ambiente, pensou uma e outra vez. Fará bom papel em qualquer parte.

No taxi que ambos tomaram, a seguir, rumo a um salão elegante, ia fazendo conjecturas. Estava realmente sonhando, concluiu.

Na festa, verificou que sua agradável companhia se sentia perfeitamente à vontade, como se fôra velha frequentadora de reuniões de tal natureza.

Está bem neste ambiente, pensou uma e outra vez. Fará bom papel em qualquer parte.

— Voltarei à Inglaterra dentro de três dias — disse. Não lhe parece que seríamos muito felizes se fôssemos juntos?

— Assim acredito.

— E não seria muito melhor que nos casássemos antes de partir?

— Sou da mesma opinião...

— Você, entretanto, não me conhece ainda...

— Não é preciso fazer investigações, quando se encontra um homem como você.

Um mês mais tarde, no interior de um grande dormitório, que se

abria sobre um parque verde, esmaltado de flores, ela escolhia o vestido que exibiria naquela noite, diante de um guarda-roupa bem guarnecido de elegantes modelos. Sua mão pousou quase acariciante sobre um de seda rosa.

— Não estaria aqui se não me tivesses prestado auxílio — murmurou. Devo-te tudo.

Equivocava-se, entretanto, ao atribuir-lhe a felicidade. Sua presença na Inglaterra, na qualidade de esposa de um lord, era consequência do regresso de um marido ao lar deserto, da promessa de um funcionário ébrio, dos funerais de um jovem ajudante de campo, da resolução de uma moça de pele escura de fugir à opressão de um homem velho para buscar o amor.

A revolta de Van Artemburg

(conclusão da pág. quatro)
va conter a invasão. A luta concentrou-se naquele ponto.

Van Artemburg visava o barão Hulbrecht. Atingiu-o duas vezes, mas não conseguiu matá-lo. Lutava de cabeça descoberta, acha em punho. Três cavalos haviam sido mortos diante dele. Seus homens pisavam em charcos de sangue. Matava-se até sobre os canais. Embarracções eram abordadas e fendidas.

Corpos caíam pesadamente na água. Todos os canais estavam cheios de cadáveres, deslizando lentamente na corrente lamacenta e avermelhada, onde se refletia a púrpura de um grande incêndio. Por muito tempo, van Artemburg teve a seu lado Frei Augustus, que pregara a revolta. Ele se batia como um hercules, rachava crânios, manejando um peso de ferro preso a uma corrente de élos fortes. Pois está escrito: "Não te servirás da espada". A ele deveu-se a vitória. Retomou ao inimigo o torreão norte da muralha que ladeava o rio. Fê-lo saltar. O torreão ruíu e caiu no rio, fechando-o. Os assaltantes fechados na cidade foram massacrados.

As duas horas da madrugada, van Artemburg fazia uma ronda por toda a cidade, para examinar quais os pontos mais ameaçados e tomar medidas de urgência. Na praça, sob a torre do sino, dois mil operários mortos jaziam alinhados. Estavam sendo velados. As chamas dos cirios dançavam. Gritos de crianças e choro de mulheres erguiam na noite um grande coro de gemidos.

Ainda não havia sido encontrado o cadáver de Frei Augustus.

Pelas ruas, van Artemburg ia, interrogando as patrulhas, controlando a construção das barricadas. A todos, perguntava inicialmente:



UM BOM AMIGO DO HOMEM

Não há no oceano animal mais vivaz, mais cordial e mais atraente que o golfinho. Desde a antiguidade tem sido, no mar, o melhor amigo do homem.

A mitologia grega refere que um golfinho salvou o célebre músico Arion, de morrer afogado, e conduziu-o ao e salvo para Corinto.

Em nossos dias, em todos os mares, os marinheiros continuam a ver no golfinho, quando este salta para fora da água e volve outra vez a mergulhar, graciosamente, às vezes bem perto do navio, o melhor augúrio de uma navegação sem dificuldades nem intempéries.

Apesar de sua capacidade de saltar e nadar milhares de quilômetros, o golfinho não é um peixe. A semelhança da baleia, é um mamífero. É quase impossível pescar um golfinho com um anzol. Além disto sua carne não é agradável. É provido de quase cem dentes, agudos. Pode vencer a um tubarão, numa luta, eingere até 100 quilos de peixe em 24 horas. Grande nadador, desenvolve uma velocidade de 80 quilômetros por hora, e pode fazer voltas, de uma incrível rapidez, sem diminuir a velocidade de sua marcha.

— Meu filho? Viram meu filho? Mas ninguém o havia visto.

Quando van Artemburg se aproximava das ruínas do torreão norte, um grupo de operários ainda negros e ensanguentados, que trabalhavam à luz das tochas, descobriu-se e fez silêncio. Ele avançou. Reconheceu sobre o solo, lado a lado, o cadáver de Frei Augustus e o de seu filho.

Voltou para o centro da cidade, lentamente. Atravessou os subúrbios, com uma pequena escolta de homens. Havia gente que o reconhecia. Gritos foram ouvidos.

— É ele.

— A culpa é sua!

— Tens as mãos cheias de sangue, Artemburg!

— Vais devolver-me meu pai?

— Meu marido?

— Meu filho?

E outros tomavam a sua defesa. E combatia-se à sua passagem.

Involuntariamente, ele apressou o passo. Sentia em si a cólera da vergonha. Sua escolta ia silenciosa.

Chegou ao seu Steen. Uma turbamora montava-lhe guarda, através da qual ele teve que abrir passagem. Rumores hostis subiam ao seu redor.

No paço do Steen, negro, para onde as janelas iluminadas atiravam a sua claridade amarela, uma multidão de homens o esperava. Seu pai e os seus avançaram para ele.

— Hulbrecht propõe a paz.

— A paz?

— O perdão é prometido a todos, e tu em primeiro lugar, se pela madrugada próxima as chaves da cidade lhe forem entregues.

E tu serás magistrado...

— E os direitos sobre a lá?

— Não haverá modificações.

— E sobre o pão?

— Igualmente.

— Não quero ter lutado por coisa alguma.

Já todos o rodeavam, todos os chefes da revolta, todos aqueles que, três dias antes, o haviam procurado para suplicar que agisse. Ouviam-no em silêncio. Sentia-se que estavam inquietos, hesitantes.

— Dois mil mortos! A zona norte em ruínas! É demasiado tarde para recuar! — dizia van Artemburg. — É preciso ir até o fim. Hulbrecht está mal seguro das suas possibilidades. E seus sofrimentos o provam. E amanhã cedo Claudius Wilwaert poderá chegar e tirar "revanche" sobre o barão.

Os homens entreolhavam-se, sacudindo a cabeça.

— Mais mortos!

— Mais combates!

— Falta o pão.

— Está saqueando as nossas lojas!

— Minha fábrica foi queimada.

— E meu irmão morreu.

— Comigo, foi meu pai...

— Ouve, van Artemburg, estamos exaustos...

— Já esqueceste, então — gritou van Artemburg — que me dizels há três dias? Liberdade, dever? Palavras? Palavras? Vento em vossas bocas?

Mas dir-se-ja que eles não compreendiam mais.

— Sim, sim — dizia um — mas meu irmão mais velho foi feito prisioneiro...

— Minha casa está ardendo — repetia outro.

— Meu marido morreu — exclamava u'a mulher.

Van Artemburg voltou-se para os seus, seus amigos, sua família, sua mulher. Esperava uma palavra, um reconforto. Nada veio. Ele disse:

— Respondei-lhe, vós!

Eles não disseram nada.

— Vós todos me levastes a agir, forçastes-me a agir. "Liberdade, dever..." — dizels. Já esquecesteis tudo? Joris, Mateus, tio Luitgard! E tu, Madalena, minha mulher?

— É verdade — disse o tio Luitgard — mas estamos arruinados, vós...

— Pensa no pesar de nosso pai, Karel — acrescentou seu irmão Mateus. — Dois de nossos irmãos já foram feitos prisioneiros...

— E tu, Madalena?

— Eu... — murmurou ela, muito baixo. — Eu? Não sei mais... Meu filho morreu...

— Falavas de dever — continuou o tio Luitgard em meio ao murmúrio de aprovação de toda a assistência. — É este. Não faças sofrer mais os teus e a cidade... Um orgulho secreto às vezes força os homens a agir, e já vi muitos...

— Cala-te! — exclamou van Artemburg. — Silêncio, vós todos! As grandes palavras que me fizestes ouvir, ainda tenho o eco de todas elas nos ouvidos!

"Recordai-vos: 'É o teu dever, Carolus!'" Acreditais então que eu já tenha podido esquecer a terrível aparição que haveis evocado? O dever! Vento, para vós, talvez! Meros sons articulados por vossas bocas, quando pensáveis intimamente nas honras, no dinheiro, nas vossas fábricas, nas vossas lojas, nas vossas pequenas vidas miseráveis... Pois bem, tanto pior! Falsos, cúpidos, mentirosos, ocultando sob a máscara do heroísmo a baixeza dos vossos baixos apetites, sem o querer, e apesar de vós mesmos, talvez, fostes o instrumento, o clarim de Deus! Embora indignos, revelaste-me o dever. Vós o revelastes a mim quando no entanto nele não acreditáveis. E agora é demasiado tarde. Há forças que uma vez em liberdade ninguém mais aprisiona. Vós conseguistes despertar a minha consciência. É demasiado tarde, demasiado tarde agora para recuar.

O barão Hulbrecht não recebeu as chaves da cidade. Desencadeou o ataque pela madrugada. Van Artemburg e os homens que lhe haviam permanecido fiéis defendiam as muralhas. Ao longo de escadas, por todos os lados, subiam penças humanas, que iam sendo esmagadas por pedras enormes. Karel manejava agora a arma de Frei Augustus, a bola de ferro presa à corrente de fortes élos e, sobre as ruínas do torreão norte, enfrentava os assaltantes. O dia nascia, uma aurora leve, tédia rosada, num vasto céu claro coberto a intervalos de vapores tênues e fugitivos. Longe, na direção do nascente, van Artemburg percebia no horizonte uma névoa mais densa, como uma nuvem que crescesse do solo. Não sabia ainda se eram as milícias do velho Claudius Wilwaert que se aproximavam para libertar a cidade, levantando a poeira das estradas, ou simplesmente a bruma mole e pesada subindo dos lagos do Blankaart, na manhã clara...

A G U L H A & L Ã

TRICÔ

CALCINHA — 60 pontos na agulha. Fazem-se 6 carreiras de sanfoninha; depois uma carreira toda no avesso, 6 carreiras pelo direito, sendo que esta trabalha-se até a metade; em seguida, volta-se até a quarta gaita, volta-se até o fim, outra de avesso, 6 carreiras de direito, assim por diante, até fazer 12 carreiras. Na 13.ª faz-se igual ao feitiço depois da gaitinha. Faz-se um triângulo para o meio das pernas. Une-se tudo. Depois da 13.ª carreira, leva novamente gaitinha, com um buraguinho para enfiar o cordãozinho, de atar.

CAMISETA PARA HOMEM — Lã grossa, agulha n.º 3. Põe-se na agulha 224 pontos e é feita toda pelo direito. Fazem-se com o seguinte ponto:

Pijama tipo matacão usado por Joyce Reynolds.

1.ª carreira (direita). 10 pontos, 2 pontos avessos, 2 pontos direitos, 2 pontos avessos.

2.ª carreira. Direito sobre direito e avesso sobre avesso.

3.ª carreira. Igual à primeira carreira e assim por diante até chegar na cava, isto é, quando já tiver 32 centímetros de altura. Divide-se então os pontos em duas partes iguais (112 pontos para cada parte) e começa-se a trabalhar só com uma das partes que será a frente.

CAVA — Passam-se os pontos da frente para agulhas retas e os pontos das costas põe-se em uma joaninha.

1.ª carreira (direita). Arrematar 4 pontos, seguir com o ponto da camiseta e arrematar outros 4 pontos.

2.ª carreira. Direito sobre direito e avesso sobre avesso.

3.ª carreira (direita). 6 pontos avessos, 2 pontos juntos pelo direito, seguir o ponto da camiseta e no fim da carreira fazer 2 pontos juntos direitos, 6 pontos avessos.

4.ª carreira. Direito sobre direito e avesso sobre avesso.

5.ª carreira. Igual à 3.ª carreira.

6.ª carreira. Igual à 4.ª carreira e assim por diante até ter diminuído 9 pontos de cada lado.

Dividem-se então os pontos ao meio para fazer o decote. Começa-se do centro de um dos lados da frente.

1.ª carreira (direita). 6 pontos avessos, 2 pontos juntos pelo direito, seguir o ponto da camiseta e terminar a carreira com 6 pontos avessos.

2.ª carreira. Direito sobre direito e avesso sobre avesso.

3.ª carreira. Igual à 1.ª carreira.

4.ª carreira. Igual à 2.ª carreira e assim até ficar na agulha 30 pontos para o ombro. Seguem-se então 15 carreiras com 30 pontos. O outro lado de frente faz-se igual a este.

A cava das costas é igual às cavas das frentes. Na altura do decote das costas faz-se assim:

1.ª carreira (direita). 30 pontos para um ombro iguais ao ponto da camiseta, 34 pontos avessos para o decote e 30 pontos iguais ao ponto da camiseta para o outro ombro.

2.ª carreira. Direito sobre direito e avesso sobre avesso.

3.ª carreira. Igual à 1.ª carreira.

4.ª carreira. Igual à 2.ª carreira e assim até haver oito carreiras.

13.ª carreira (direita). 30 pontos iguais ao ponto da camiseta, 6 pontos avessos, arrematar 22 pontos, 6 pontos avessos, 30 pontos iguais ao ponto da camiseta. Segue-se com um dos ombros até alcançar a altura da frente e arremata-se. O mesmo se faz com o outro ombro.

PALETOZINHO RUSSO PARA RECÉM-NASCIDO — Começa-se com 170 malhas. Trabalha-se três centímetros em ponto de arroz (1 meia, 1 tricô), faz-se 8 carreiras com lã e linha de seda em ponto de tricô.

Continua-se então com o ponto de arroz até a altura da cava, isto é, um de altura de 20 centímetros a partir da listra de linha e lã. A cava deve medir 7 centímetros. A partir da barra do casaco, deixa-se numa das extremidades 10 malhas que serão trabalhadas até o decote com lã e seda. Na altura da cava divide-se o trabalho em três partes: primeira a da frente com 64 malhas, segunda a das costas com 78 malhas e terceira também a da frente com 26 malhas. Faz-se o ombro com 20 malhas e deixa-se sobrar 6 malhas de ambos os lados, para traspasar. A golinha faz-se tomando com agulha de crochê, umas 70 malhas; faz-se com ponto de tricô 4 carreiras em seguida ponto de fita e mais 4 carreiras.

MANGAS — Começa-se com 40 malhas e faz-se as 8 primeiras carreiras com linha de seda; termina-das estas, aumenta-se 20 malhas, ficando então 60 malhas. Depois de fazer 15 centímetros, começa-se a matar 5, 3, 2, 2, 1, faz-se mais 5 centímetros, ficando 20 pontos que se matam de uma vez.

Depois de pronto o paletozinho passa-se um pontinho com agulha de crochê em volta toda do paletô e nas mangas.

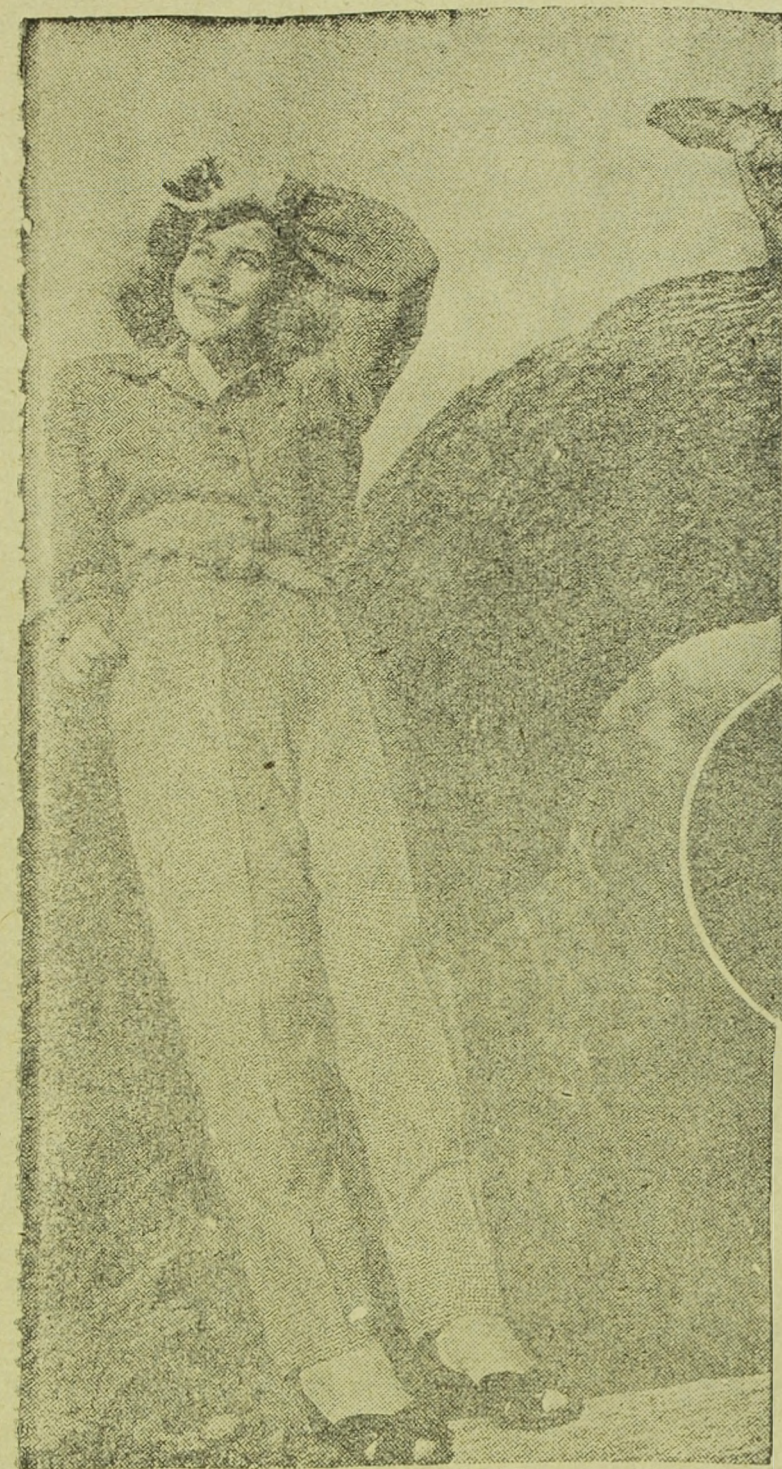


CONFISSÃO

José Lientaud, médico de Lufa XVI, estava para morrer. Chamaram um padre para que ele recebesse o conforto da religião. O bom padre, duvidando, porém, da fé do enfermo, começou a interrogá-lo:

— Acredita em Deus? Acredita na Santíssima Trindade?

— Deixe-me morrer em paz — respondeu Lientaud, fatigado. — Acredito em tudo que quiser, menos na medicina...



SALADA DE OVOS — Conteúdo: ovos frescos; alface; azeitonas; cebola; azeite; vinagre; sal; pimenta.

Preparação: cozinham-se os ovos até ficarem duros; descascam-se e cortam-se em rodela. A parte, trata-se a alface e dispõem-se as folhas em volta de uma saladeira. Em seguida, colocam-se no centro as rodela e põem-se as azeitonas por cima. Enfeita-se a salada com folhinhas de salsa e a cebola cortada bem fininha. Tempera-se com um molho feito de azeite, vinagre, sal e uma pitada de pimenta.

SALADA DE VAGENS E CENOURAS — Conteúdo: vagens;

FORNO & FOGÃO

cenouras; azeite; meio limão; uma colher, das de chá, de açúcar.

Preparação: tratam-se as vagens e as cenouras, retirando-se daquelas as linhas e destas as extremidades. Lavam-se e levam-se a cozinhar em água a ferver com um pouco de sal e o açúcar indicado para que conservem a cor. Logo que ficarem tenras (escorrem-se e deixam-se arrefecer. Em seguida, partem-se as cenouras em cruz e dispõem-se com as vagens numa

saladeira. A parte, faz-se um molho com azeite, limão e sal e rega-se a salada alguns minutos antes de servir.

SOPA FLAMENGA — Conteúdo: 5 nabos; 5 batatas; 2 cõeas de pão; caldo de carne; 1 colher, das de sopa, de manteiga; sal; pimenta. Tratam-se os legumes, cortam-se em pedacinhos, juntam-se as cõeas de pão, põe-se numa caçarola com água e leva-se ao fogo, deixando-se cozinhar até adquirir a espessura de purê. Em seguida, passa-se por uma peneira. Adiciona-se o caldo de carne, tempera-se com sal e pimenta, e leva-se novamente ao fogo para engrossar. No momento de servir, junta-se a manteiga.

SOPA NORMANDA — Conteúdo: 250 gramas de feijão bem verde; 1 repolho pequeno; 1 ramo de aipo; 3 alhos porros; 6 batatas grandes; caldo de carne; sal; salsa; pimenta. Tratam-se as batatas e o repolho, cortam-se em pedacinhos e levam-se a cozinhar em água a ferver. Quando estiverem quase tenros, retiram-se, escorrem-se, adicionam-se o caldo, o feijão e os outros legumes cortados em pequenos pedaços. Tempera-se tudo com sal e pimenta e leva-se novamente ao fogo durante uma hora mais ou menos. Fim do tempo, retira-se e serve-se.

DOURADO À INGLESA — Conteúdo: 1 dourado de tamanho regular; 100 gramas de manteiga; 250 gramas de batatas; 250 gramas de bolachas de água e sal; 100 gramas de farinha de trigo; 2 ovos; 3 tomates; 1 cebola; 1 limão; sal; salsa. Trata-se e tempera-se o peixe e corta-se em postas. A parte, descascam-se as batatas, cozinham-se e cortam-se em rodela. Molham-se as bolachas num pouco

d'água e deixam-se ficar assim. Põe-se a manteiga numa caçarola, juntam-se-lhe a cebola e os tomates cortados em rodela, a salsa picadinha e leva-se tudo ao fogo para refogar. Toma-se então, uma caçarola grande e arruma-se o seguinte: uma camada do refogado, uma de peixe, uma de batatas, uma de bolachas, repetindo-se esta ordem de camadas até acabar os preparos. Leva-se a caçarola ao fogo, tendo-se o cuidado de não deixar o peixe pegar no fundo. Depois de cozido, dispõe-se numa travessa e guarda-se para não esfriar. Ao caldo que ficou na caçarola, juntam-se as gemas, a farinha diluída num pouco de água morna e o caldo de limão. Tempera-se com sal. Leva-se ao fogo para engrossar e no momento de servir, despeja-se este molho sobre o peixe.

FRANGO ASSADO NA GRELHA — 1 frango novo; 200 gramas de manteiga; 200 gramas de banha; 1 colher, das de sopa, de vinagre; molho de tomates; sal; pimenta. Trata-se o frango, corta-se ao comprido, nas costas, dá-se-lhe um corte na segunda junta da asa e na perna perto da barriga. Acha-ta-se o frango e passa-se no espeto para que fique mais ou menos aberto. Tempera-se com sal e pimenta, untam-se dos dois lados com manteiga e põe-se na grelha para assar sobre a brasa viva. Coloca-se a parte de dentro primeiro na grelha e deixa-se assar uns 15 minutos; depois vira-se para o outro lado. Se não se conseguir que o frango fique bem chato na grelha, põe-se um peso por cima. Rega-se de vez em quando com um molho feito no fogo com a manteiga restante, adicionada à banha e ao vinagre.

O tempo necessário para assar é de 30 a 40 minutos. Depois de assado, põe-se numa assadeira, rega-se com molho de tomates e enfeita-se em volta com batatinhas fritas. Serve-se com arroz.

FRANGO DE CAÇAROLA — Conteúdo: 1 frango; 200 gramas de manteiga ou banha; 1 colher, das de sopa, de massa de tomates; 1 cebola; 1 dente de alho; sal; salsa; pimenta. Trata-se o frango, tempera-se com alho socado com sal e uma pitada de pimenta, juntam-se-lhe a cebola e a salsa cortadas em pequenos pedaços. A parte, toma-se uma caçarola funda, adiciona-se-lhe a manteiga ou a banha, a massa de tomates e leva-se ao fogo para derreter. Põe-se então o frango e acrescenta-se uma xícara, das de chá, de água quente. Tampa-se a caçarola e deixa-se cozinhar em fogo brando, durante uma hora mais ou menos, tendo-se o cuidado de virar o frango de vez em quando, deixando-se o peito para baixo, pois é a parte que mais demora a cozinhar. No momento de servir, dispõe-se numa travessa com o peito para cima, rega-se com o molho anteriormente desengordurado e põem-se em volta batatinhas fritas.

COALHADA COZIDA. — Deixar coalhar naturalmente dois litros de leite dentro dum pote de barro vidrado, de boca larga; no verão doze horas são suficientes para coalhar. Tirar com cuidado o creme que se formou em cima, pon-do-o de parte. Colocar o pote dentro de uma panela com água fria e pôr sobre o fogo para ferver; contar dez minutos de fervura, pode ficar mais tempo quando se prefere mais duro. Despejar dentro de uma forma com furos e forrada com "étamine" úmida. Deixar escorrer o soro umas quatro horas em lugar fresco. Tirar da forma e serve-se bem frio acompanhada com creme que se reservou e açúcar.

Pequenas coisas de grande utilidade

Para amaciar as mãos, dá excelentes resultados uma mistura, em partes iguais, de água de Colônia, sumo de limão, glicerina e azeite comum.

Quando as flores colhidas começam a murchar, colocam-se a metade de sua haste, durante alguns instantes, em água fervente. Tornarão logo à primitiva frescura.

Os tecidos de crepe lavados com gasolina, ficam como novos e não encolhem. Enxuga-se à sombra e passado pouco tempo o cheiro desaparece.

Os efeitos da picada de abelha são instantaneamente anulados com uma rápida aplicação de amônia no ponto atingido.

O ácido Picrico é de um efeito surpreendente em todas as queimaduras.

A polpa de batata e farinha de cevada, de centeio ou de milho, faz-se uma mistura que cons-

titui um alimento muito são e nutritivo para as aves.

Para amolecer os objetos de borracha, basta deixá-los ficar, por algum tempo, num banho composto de duas partes de água e uma de amoníaco.

Untando com azeite, facas e garfos que tenham de ficar guardadas, conservarão, eles, o brilho e não estarão enferrujadas quando, mais tarde, tiverem de ser usadas.

Quando se cosem esteiras, fel-tros ou qualquer outro material duro, convém passar um pouco de cera pela agulha, para que penetre com maior facilidade e não exija tanto esforço de parte de quem cose.

Para desaparafusar facilmente um parafuso enferrujado, é bastante aquecer a cabeça do mesmo, aplicando sobre ela, durante um minuto, um ferro em brasa.

POBRES JOAQUINS DA CIDADE!

Esta é a triste história que se repete todos os dias na capital paulista. É uma história dolorosa porque ela começa quando o dia desponta e termina, invariavelmente, quando o sol morre por trás dos morros da Lapa. É a odisséia diária do nosso povo, de nossa gente miúda, que se escreve com sangue, com suor e lágrimas.

Joaquim — esse homem é o homem do povo que sofre desde quando o dia começa — é um homem taciturno, triste, frio e que jamais carregou para a sua casa, onde sempre de barriga vazia lhe esperam mulher e filhos, um sorriso de alegria. Nasceu alegre, talvez, o nosso pobre Joaquim. Mas a cidade grande, cheia de misérias, de torturas e de infinitos tropeços, acabou por lhe matar nos lábios o último sorriso.

Ele é um operário que mora lá longe... Algumas centenas, ou mesmo milhares de metros além do último ponto de parada do bonde. Vive numa casinha com a mulher e a filha. Pela manhã Joaquim sai sem tomar uma xícara de café — pobre, não pode comprar açúcar no "câmbio negro" — e com o almoço feito na véspera sai correndo de sua casinha à procura... à procura de um balaustre de bonde.

A PROCURA DA MORTE

Joaquim é um brasileiro, tipo do brasileiro nascido na cidade grande. Calças resgadas, camisa cheia de remendos coloridos, uns sapatos nos quais a agulha não tem mais lugar para entrar, e dono de um chapéu descorado. É invariavelmente, esse homem que transita todas as manhãs pelas ruas da cidade de São Paulo com um emburulho na mão, restos de um jantar mal comido na véspera, a caminho do único emprego que possui na vida.

Ao sair de casa correndo, tomou o primeiro elétrico que lhe passou por perto. E teve que ir para o trabalho dependurado num balaustre de bonde, espremido entre os outros Joaquins que, como ele, também ajudam a escrever, diariamente, com suor, sangue e lá-

De ORLANDO CRISCUOLO

grimas, a triste história do proletariado paulista. Esses Joaquins não acreditam mais nas promessas de melhoria de transportes. Não acreditam, porque há muito que eles diariamente, desafiando a morte num coletivo da cidade imensa,

JOAQUINS QUE JAMAIS VÊRÃO SEUS FILHOS

Certa manhã, ainda meio cansado das fadigas do dia anterior e tendo passado uma noite mal dormida, um Joaquim saiu correndo de casa à procura de um balaustre de bonde. No primeiro que passou, Joaquim se pendurou entre os outros Joaquins da cidade. Ele, como todos os outros, trazia nas faces a mesma história do proletariado paulista. O bonde no qual Joaquim estava dependurado fez uma curva fechada em alta velocidade. Muitos Joaquins que estavam nos estribos sofreram um momento de pavor. Mas o bonde continuou porque nada sucedeu. Joaquim chegou ao serviço depois do susto. Gastou, durante todo um dia de intenso trabalho, as poucas energias que ainda lhe restavam. E quando o sol morria por trás dos morros da Lapa, novamente saiu ele correndo para disputar, assim como fizera pela manhã, um cantinho num balaustre de bonde. E o nosso pobre Joaquim ia, entre os outros Joaquins, comprimido no estribo do elétrico.

Na avenida larga um carro luzidio tentou tomar a dianteira do bonde; ou então foi um ônibus, superlotado que quis fazer a mesma coisa, ou, ainda, foi um caminhão carregado de mercadorias que passou raspando o estribo onde muitos Joaquins estavam dependurados, causando-lhes susto. Depois... Depois um outro veículo, talvez um "Pakard" de muitos cilindros, varreu o estribo em que muitos Joaquins estavam amagarrando a longa viagem. Alguns de-

les foram atirados longe. Uns, mais felizes, sofreram apenas escoriações generalizadas pelo corpo — diz o laudo médico do Pátio do Colégio. Mas outros... outros Joaquins que voltavam para casa, depois de um dia de intenso trabalho, foram diretamente para o necrotério e jamais verão seus filhos. Esses Joaquins não estavam viajando num balaustre de bonde, estavam, sim, desafiando a morte num dos transportes coletivos da cidade grande.

Eles não acreditam mais nas promessas das autoridades. Eles viram um Joaquim ser violentamente arrancado do estribo de um bonde ou viram quando, na rua larga, um carro luzidio o atirou longe, matando-o instantaneamente. Eles viram um Joaquim cair por entre o engate do trenzinho da Cantareira, ou viram um Joaquim ser atirado fora do trem. Sabem que a disputa de um balaustre é dura todos os dias. Conhecem o valor de um milímetro quadrado num estribo de bonde,



Estes Joaquins da cidade grande podem levar para casa um sorriso de alegria?

no qual possa colocar um pé cansado...

Esses Joaquins poderão levar para casa um sorriso de alegria? Não! Não podem, porque conhecem o brutal sacrifício que empregam diariamente na disputa de um balaustre à procura da morte.

O problema dos transportes — todos os Joaquins sabem disso — interessa aos jornais; interessa às autoridades burocráticas; interessa aos proprietários, mas somente no que diz respeito aos lucros, de parte de uns, ou no que diz respeito à luta de direitos para outros. Eles sabem muito bem que à tardinha, quando o sol estiver

morrendo por detrás dos morros da Lapa, terão que enfrentar a morte à caminho de casa.

Esses Joaquins jamais poderão ser felizes. O último sorriso desses Joaquins da cidade grande morreu quando estavam nascendo e isto faz muito tempo.

É por isso que o paulista é triste. E todos os Joaquins sabem que viajar naquelas condições é desafiar a morte. Mas eles precisam desafiar a morte num transporte coletivo da cidade porque... porque em casa, de estômago vazio, lhes esperam esposa e filhos subnutridos.

Pobres Joaquins de São Paulo!

AS VERRUGAS E A SUA CURA PELA AUTO-SUGESTÃO

As verrugas são pequenos tumores cutâneos tenazes e rebeldes. Dizem que elas são devidas a um micróbio especial.

Parece, com efeito, que são inoculáveis, porque é raro vir uma só.

Muitos têm sido os meios empregados para as fazer desaparecer: o bisturi, a radioterapia, a eletrolise, o termocautério, etc., todos esses processos tendo dado em geral bons resultados. Havendo também um tratamento que aconselha a tomar todos os dias algumas gotas de tintura de thuya. Remédio que muitos médicos acham não ter propriedades antiverrugosas.

Atualmente, um método de tratamento é bastante usado: a sugestão. Não se sabe porque mecanismo a sugestão pode fazer desaparecer as verrugas, mas no entanto, é uma realidade. Numerosas experiências a demonstram.

Um médico suíço, que se especializou nesse tratamento, publicou estatísticas impressionantes.

Opera ele da seguinte maneira. O doente (chamaremos assim o portador de verrugas) é levado para uma sala, os olhos vendados, assenta-se em frente a uma mesa e as duas mãos sobre contactos elétricos nos quais faz passar uma corrente insignificante. Depois toca com azul de metileno as verrugas, proibindo ao doente lavá-las.

Depois é retirada a venda dos olhos e garantida a sua cura. Pois

bem! 55 por 100 dos casos tratados foram concludentes e a cura perfeita. Foi um bom resultado.

Mas é sobretudo nas verrugas chatas juvenis que o tratamento sugestivo é extraordinário.

É preciso acrescentar que as verrugas dos velhos devem ser tratadas por médicos especialistas, não são "camaradas", como disse um grande médico patricio especialista em doenças da pele.

Mas, voltando à sugestão, deve se dizer que esta questão terá com certeza de se desenvolver na terapêutica moderna a respeito de um grande número de doenças.

Todos sabem que um doente animado cura-se mais facilmente. A sugestão, modificando o estado psicológico, cria um terreno que não é propício a doença. A vontade de ficar bom chama-se auto-sugestão. De onde vem o sucesso dos empiricos? Da sugestão. O médico deve, na cabeceira do seu doente sugerir-lhe a confiança no valor dos seus remédios. Uma receita que é dirigida só para o corpo é incompleta. Os médicos de outrora, que receitavam pilulas de miolo de pão e que escreviam "mica pants", não eram tolos! Não desprezavam a sugestão!

TODOS OS HOMENS SÃO IRMÃOS

Foi o sultão à Mesquita fazer sua oração. Aproxima-se dele um pobre muito esfarrapado e diz-lhe:

— Poderoso senhor, acreditas no que diz o santo profeta?

O sultão, cuja piedade era notória, respondeu:

— Se creio! Sem dúvida alguma; creio firmemente em tudo quanto diz o santo profeta.

O pobre redarguiu:

— O profeta diz no "Alcorão":

— Todos os homens são irmãos.

— Senhor meu irmão, tende a bondade de repartir comigo a herança.

O sultão sorriu, pensando consigo: Eis um modo originalíssimo de pedir esmola. E deu ao pobre uma piastra.

O mendigo olhou e tornou a olhar para a moeda; volteou-a nos dedos mais de uma vez, e por fim, levantando a cabeça, disse para o sultão:

— Senhor meu irmão, tu dás-me apenas uma piastra e possúes mais ouro e prata do que poderiam carregar cem camelos. Chamarás a isto repartir irmanamente?

O sultão pôs o dedo na boca, como para indicar-lhe silêncio, e acrescentou:

— Cala-te, meu querido irmão, contenta-te com isso e cala-te, muito calado; nem digas a ninguém quanto te dei, porque bem sabes quanto nossa família é numerosa; e se cada um começasse

a exigir o que lhe pertence, ainda tu terias a repôr.

O querido irmão convenceu-se e decidiu-se a ir imediatamente esbanjar a herança, antes que houvesse reclamação.

★

Porque há covardes?

A coragem corresponde a uma boa circulação sanguínea; uma e outra expressão são praticamente sinônimas. O homem cujo coração não funciona com perfeita regularidade não pode andar na escuridão ou combater qualquer inimigo oculto, seja hamom ou fera, sem sentir pavor.

Em caso de perigo ou necessidade, o homem corajoso, com o pulso normal de 72 pulsações por minuto, cumprirá seu dever frio e tranquilamente, sem que o palpar das artérias baixe 15 pulsações por minuto. A perda de 15 pulsações por minuto acusa uma prostração absoluta; o coração se excita e chega ao extremo de dar 120 pulsações por minuto; sem que haja poder humano que o contenha.

Editor responsável:

Serviço Auxiliar de Imprensa (SAI)
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo

O RISO É BELEZA

Sinceramente, faça um exame de consciência: como é, habitualmente, o seu caráter, triste ou alegre?

E pedimos, sinceramente, porque muitas pessoas que se julgam alegres, não o são, enquanto outros que se julgam tristes, são, em realidade, alegres.

O valor da alegria, traduzido pelo sorriso, é o que importa nesta apreciação rápida e modesta.

Teria o leitor ouvido falar, das "escolas dos sorrisos", que existiam antigamente, na Europa?

Nelas se rendia um verdadeiro culto à alegria, e além de reconhecer os seus inegáveis benefícios à saúde, se ensinava aos alunos a arte do sorriso, para que se tornassem mais sãos, mais felizes e agradar mais aos outros.

Infelizmente essas escolas estão fechadas, sob o pretexto de que o tempo não é próprio para rir, o que é um lamentável erro. Ao contrário, se todos sorrissem mais, de outra maneira andariam as coisas pelo mundo.

O Dr. Walsch escreveu recentemente um livro que é altamente instrutivo. Ensina a maneira de melhorar a saúde com o costume de sorrir. Ele insiste, porém, numa afirmativa de que a mulher ri menos que o homem, do que deduz interessantes consequências. E afirma:

— "Atualmente, as mulheres riem menos que os homens, e talvez se deva isto a que, em determinada época, era considerado péssimo costume os moços expressarem tão abertamente os seus sentimentos. Essa restrição criou o costume de reprimir o riso e isso foi mais arraigado no sexo feminino.

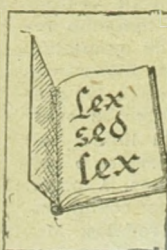
Os homens, que foram menos constrangidos pelas injunções sociais, cederam sempre livremente ao sorriso".

Outro médico afamado declarou que se o humor fosse mais completo, profissionalmente, a sua classe e as enfermeiras estariam desocupadas e a própria guerra estaria relegada à história antiga".

Uma vez que o riso é o exercício mais completo e rejuvenescedor a sua ação melhora o apetite e a digestão, favorece a circulação e a respiração, dá brilho aos olhos e ruboresce as faces. Os homens que riem bem gozam a vida trabalhando mais, dormindo melhor e divertindo-se sempre. Ao contrário disto, os tristes e taciturnos dão péssima impressão do seu estado de espírito.

Por tudo o isso aconselhamos a rir, rir muito e sempre que tiver disposição. O sorriso influi no físico e levanta a moral; robustece o corpo e eleva o espírito

CAPRICHOS JUDICIAIS



Até há um século passado, os tribunais ingleses nunca admitiam a pregação da morte de qualquer pessoa, mesmo quando documentadamente se mostrava que a pessoa não podia estar viva. Assim, em 1826, um tribunal da Inglaterra se negou a admitir a morte presuntiva de um cidadão, embora esse indivíduo tivesse nascido 792 anos